



Vanessa Flávia Monteiro da Silva

Dilemas e perplexidades da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário.

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, orientado pelo Doutor Diogo Falcão Ferrer e coorientado pelo Doutor Alexandre Guilherme Franco Sá, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Dilemas e perplexidades da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário.

Vanessa Flávia Monteiro da Silva

Ficha técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Dilemas e perplexidades da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário.
Autor/a	Vanessa Flávia Monteiro da Silva
Orientador	Professor Doutor Diogo Falcão Ferrer
Coorientador	Professor Doutor Alexandre Guilherme Franco Sá
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino da Filosofia no Ensino Secundário
Área científica	Filosofia
Especialidade/ Ramo	Ensino da Filosofia no Ensino Secundário
Data	2017
Data da realização da defesa	25 de julho de 2017
Constituição do júri	Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá Doutor Luís António Ferreira Correia Umbelino Doutora Maria Luísa Portocarrero Ferreira Silva
Classificação obtida	16 valores



*Para a minha mãe Fátima,
pela sua paciência amorosa para comigo.*

Agradecimentos:

Início os agradecimentos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por ser uma instituição de prestígio e completa que permitiu que me sentisse confiante para completar estes cinco anos de formação.

Ao Doutor Diogo Falcão Ferrer, orientador de Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho.

Tenho que agradecer ao Doutor Alexandre Guilherme Franco Sá obrigada por me continuar a acompanhar nesta jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento.

Sou muito grata aos meus pais, que sempre primaram pela minha Educação. Obrigada pai e mãe por, além de me oferecerem a oportunidade de estudar, estarem sempre presentes.

Um agradecimento profundo ao André Caetano por todo o tempo que passou ao meu lado, incondicionalmente. Nos momentos mais difíceis, que não foram raros neste último ano, sempre fazendo com que acreditasse que chegaria ao fim desta tão importante etapa.

Tenho também que agradecer à Professora e sempre amiga, Ana Paula Charruadas, por sempre acreditar na minha experiência enquanto professora estagiária e por estar sempre presente. Obrigada pelas constantes demonstrações de sabedoria e humildade.

À minha melhor amiga e namorado, Joana Moreira e Sérgio Pereira, por estarem comigo desde sempre e pela paciência nos momentos mais difíceis. Adoro-vos.

Agradeço de coração à minha madrinha de praxe, Inês de Castro, por todo o incentivo e pela força e ajuda que me deu incondicionalmente. Obrigada Inês por sempre acreditares em mim.

Não posso deixar de agradecer também a dois grandes incentivadores, os meus colegas de estágio, Sofia Costa e Pedro Casaleiro, por todo o apoio e amizade nestes dois anos.

À minha turma de estágio, 10^oC, por ser incansável e me ter proporcionado muitos desafios e motivações para que desse sempre o melhor de mim.

Um agradecimento a Coimbra e às pessoas que já deixam saudade, Cristiana Fonseca, Ana Dias, Inês Ribeiro, Helena Soares, Tânia Ribeiro levo-vos comigo para a vida.

A todos os meus familiares pelo incentivo recebido ao longo destes anos. Agradeço em especial à minha avó Eufrosia por estar sempre junto a mim.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização deste Relatório, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Resumo

O presente Relatório de Estágio abordar-se-á de uma maneira fundamentada numa das problemáticas centrais que corresponde no âmbito filosófico, a questão da Ética. Tratando-se de um problema central na reflexão filosófica, presente necessariamente no currículo dos alunos do ensino secundário, o problema de saber como questões éticas devem ser abordadas – e a própria ética lecionada – na disciplina de Filosofia não pode deixar de constituir uma inquietação com a qual um professor estagiário de Filosofia se tem necessariamente de preocupar. É esta preocupação que me leva a elaborar esta questão como tema central do meu Relatório de Estágio. Para além de descrever e refletir acerca da experiência pedagógica decorrida no período de estágio, o atual trabalho visa fundamentar a extrema importância da Ética no Ensino da Filosofia. Sendo esta uma área da Filosofia que reflete sobre as razões pelas quais determinadas normas morais são consideradas válidas, é de enorme relevância a maneira como vai ser lecionada ao longo do estágio. Deste modo, o presente Relatório encontra-se dividido em três partes.

Na primeira parte, descrever-se-á e refletir-se-á acerca do Período de Prática Pedagógica Supervisionada ocorrido no ano letivo 2016/2017 numa turma de 10.º ano da Escola Secundária de Arganil.

Numa segunda parte, abordar-se-á, de um modo fundamentado científica e didaticamente, os recursos e os métodos a utilizar numa proposta possível de lecionar e conceptualizar conteúdos ao nível do ensino secundário.

Por último, expor-se-ão ferramentas didáticas de conceptualização e problematização, elaboradas em contexto real de lecionação e agora retomados, demonstrando a aplicabilidade do tema aqui defendido.

Palavras-chave: Ética, Ensino da Filosofia, Métodos, Problematização, Ferramentas didáticas.

Abstract

The present essay will address, in a well-funded manner, one of the most significant problems in the teaching of philosophic thinking – Ethics. Since this is a central problem in philosophical reflection, necessarily introduced in high school's curriculum, it might become a challenge for a trainee Philosophy teacher to know how ethical questions (and Ethics itself) should be conveyed and taught to students- this concern is the main theme for the report I chose to do. Beyond describing and reflecting upon the pedagogical internship experience that I had during this year, the presented work aims to defend the importance of Ethics in high school Philosophy classes. Being this the area of philosophy that debates the reasons whether some moral rules are valid or not, it seems quite relevant to understand the way it is going to be taught throughout this internship. With that said, the essay will be divided into three parts:

The first part will consist in a description of the Supervised Pedagogical Practice Period of 2016/2017 on a 10th grade class in Escola Secundária de Arganil and a reflection about it.

In the second part, the resources and methods to use on high school level teaching and content conceptualization will be approached, in a didactical and scientific way.

Lastly, didactical, conceptualization and problematizing tools will be exposed, created in a real lecturing set and now retaken, demonstrating the applicability of the theme hereby presented.

Keywords: Ethics, Teaching Philosophy, Mythologies, Problematization, Didactic tools.

ÍNDICE

Introdução.....	10
Capítulo I – Descrição da Prática Pedagógica Supervisionada.....	11
I – Enquadramento legal.....	11
II – Plano Individual de Formação.....	14
Capítulo II – Domínio de Investigação Privilegiado.....	16
I – Definição da área de investigação.....	16
II – Enquadramento teórico.....	23
Capítulo III – Proposta de Ferramentas Didáticas de Conceptualização e Problematização.....	33
I – Ferramentas.....	33
Ferramenta Didática de Conceptualização e Problematização nº1: <i>Immanuel Kant</i>	34
Ferramenta Didática de Conceptualização e Problematização nº2: <i>John Stuart Mill</i>	41
Ferramenta Didática de Conceptualização e Problematização nº3: Debate sobre as Teorias Éticas de <i>I. Kant</i> e <i>J. S. Mill</i>	48
Conclusão.....	53
Bibliografia.....	55
Anexos.....	57
Anexo I – Plano Individual de Formação.....	58
Anexo II – Registo fotográfico da página de <i>facebook</i> “Filosofia de hoje” e do “Mini clube de Leituras”	63
Anexo III – Registo fotográfico da atividade realizada por duas alunas voluntárias para a apresentação do filósofo <i>John Stuart Mill</i>	66
Anexo IV – Caderno de Filosofia.....	67

Anexo V – Guião do vídeo da aula de <i>Immanuel Kant</i>	73
Anexo VI – Planificação da aula de <i>Kant</i>	74
Anexo VII – Planificação da aula de <i>Stuart Mill</i>	76
Anexo VIII – Planificação da aula de debate sobre a teoria ética de <i>I. Kant</i> e <i>J. S. Mill</i>	78

«Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.» KANT, Immanuel, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785.

INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio subordinado ao tema *Dilemas e perplexidades da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário*, diz respeito ao Plano da Prática Pedagógica Supervisionada, que integra o estágio profissional do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, ocorrido na Escola Secundária de Arganil sob a orientação da Professora Ana Paula Charruadas.

O Relatório remete-nos para três partes que visam apresentar a delineação e concretização da Prática Pedagógica Supervisionada, cuja pretensão foi aliar a parte pedagógica (observação de aulas; lecionação) com a prática de investigação (a argumentação e discussão na Ética).

Na primeira parte do presente Relatório, expor-se-á e refletir-se-á acerca do Período de Prática Pedagógica Supervisionada ocorrido no ano letivo 2016/2017 numa turma de 10.º ano da Escola Secundária de Arganil.

Na segunda parte, tratar-se-á, de um modo fundamentado científica e didaticamente, dos recursos e os métodos a utilizados numa proposta de lecionar e conceptualizar conteúdos ao nível do ensino secundário.

Na terceira parte, descrever-se-á a sequência das três ferramentas didáticas de conceptualização e problematização, elaboradas em contexto real de lecionação e agora retomados, demonstrando a aplicabilidade do tema aqui defendido justificando os objetivos das aulas, as estratégias tomadas, os materiais utilizados e a avaliação dos alunos.

Embora o Relatório que aqui se apresenta surja dividido em três partes, cada uma delas não é totalmente delimitada sem inter-relações entre as mesmas. Todas as suas partes se implicam, sendo possível encontrar uma unidade que conclui este mesmo Relatório.

O desenvolvimento do presente Relatório foi bastante proveitoso na medida em que possibilitou articular o contexto vivido em sala de aula à investigação extra-aula, desenvolvida no âmbito do Ensino da Filosofia.

Capítulo I – Descrição da Prática Pedagógica Supervisionada

I – Enquadramento legal

A Prática Pedagógica Supervisionada, normalmente designada por Estágio fundamenta-se, em termos legais, nos seguintes documentos: Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/ 1986, de 14 de outubro, com as alterações inseridas pela Lei n.º 115/ 1997, de 19 de setembro e na Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto), na Lei que aprova o regime jurídico da competência profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundário (Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro), na Lei n.º 74/ 2006, de 24 de março que executa o Processo de Bolonha ao nível da adoção do plano de organização do ensino superior em três ciclos (alteração e republicação na Lei n.º 107/ 2008, de 25 de junho) e, em final, no Regulamento da Formação Inicial de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O primeiro documento, a Lei de Bases do Sistema Educativo, compõe a primeira Lei que institui o quadro geral do sistema educativo e aplica-se a todas as disciplinas do ensino pré-escolar ao ensino secundário. Em correspondência à disciplina de Filosofia, dada a universalidade do seu objeto de estudo e dos objetivos desta disciplina, podemos nomear o Artigo 2.º, do capítulo I, como um evidenciar das características desta, uma vez que se pretende promover no sistema educativo a formação de «cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários¹». Além disso, e prosseguindo em sintonia com a Lei suprarreferida, a Filosofia difunde também «o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva»². Então, embora a Lei de Bases do Sistema Educativo seja um documento de carácter genérico, a Filosofia adota alguns dos objetivos propostos por esta Lei, dada a sua essência.

O segundo documento, a Lei n.º 43/ 2007, de 22 de fevereiro, delimita as condições necessárias á aquisição de habilitação profissional para a docência, condição

¹ Lei n.º 46/ 1986 de 14 de outubro. Diário da República n.º 237, Série I, Lisboa: Ministério da Educação, 1986, cap. I, art.2º.

² *Ibidem*.

agora fundamental para o desempenho do professor. A alteração das condições de qualificação do corpo docente fundamenta-se pelo desafio de ter um corpo docente «cada vez mais qualificado e com garantias de estabilidade»³. Para isso, valoriza-se o conhecimento no domínio de ensino, exigindo-se ao professor o bom domínio do conteúdo científico, humanístico, tecnológico ou artístico das disciplinas da área curricular de ensino. Esta valorização exprime-se na definição de um número de créditos imprescindíveis que, no caso do professor de Filosofia são 120. Em segundo lugar, enfatiza-se a área das metodologias de investigação educacional, «tendo em cota a necessidade que o desempenho dos educadores e professores seja cada vez menos o de um mero funcionário ou técnico e cada vez mais o de um profissional capaz de se adaptar às características e desafios das situações singulares em função das especificidades dos alunos e dos contextos escolares sociais»⁴, consagrando-se assim ao lado humanístico da profissão docente, indo contrariamente ao plano burocrático-administrativo que limitava o professor a um mero técnico transmissor de conhecimentos e não a um mestre que desperta a vontade de aprender nos seus discentes. Em último, a presente Lei visa valorar «(...) a área de iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade»⁵. Neste contexto, a prática profissional desempenhada pelo núcleo de estágio de Filosofia no ano letivo de 2016/ 2017 da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no âmbito do 2º ciclo de Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, foi atribuída numa parceria formal entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Agrupamento de Escolas de Arganil.

O terceiro documento, a Lei n.º 107/ 2008, de 25 de junho, com a alteração e republicação da Lei n.º 74/ 2006. De 24 de março, confirma uma uniformidade aos cursos superiores, declarando que o ciclo de estudos conducente ao grau de mestre

³ Lei n.º 43/ 2007 de 22 de fevereiro. Diário da República n.º 38, Série I, Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*.

apenas poderá ser atribuído após um primeiro ciclo de estudos, a que se dá o nome de Licenciatura. Desta forma, o segundo ciclo de estudos, ou Mestrado, surge como um aprofundamento e continuidade de investigação do primeiro ciclo de estudos, sendo essencial que este contenha um conjunto estruturado de unidades curriculares, uma dissertação, trabalho de projeto ou estágio de carácter profissional objeto de relatório final, de acordo com os objetivos específicos visados no Mestrado em questão. Deste modo, o Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário reflete-se num primeiro ano de unidades curriculares e num segundo ano composto por uma unidade curricular de estágio/ relatório (Período de Prática Pedagógica Supervisionada e respetivo Relatório que integra um momento de investigação em didática específica) desenvolvido numa escola de ensino secundário – neste caso, a Escola Secundária de Arganil, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Arganil – e dois seminários científicos-didáticos de acompanhamento.

Quanto ao último documento, o Regulamento da Formação Inicial de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁶, elucida as competências do Conselho de Formação de Professores da Faculdade e das Comissões de Área Científico- Pedagógica, que devem orientar a formação de professores e determina ainda as normas segundo as quais deve orientar-se a sua organização administrativa.

⁶ Disponível em <http://www.uc.pt/fluc/fp/docspdf/regulamento.pdf>.

II – Plano Individual de Formação

O Plano Individual de Formação⁷ foi cumprido na totalidade, tendo efetuado as atividades mínimas obrigatórias, previstas no ponto I.I. do Plano Anual Geral de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁸. Com efeito, sublinhe-se a participação, com estatuto de observadora, nos Conselhos de Turma (10.ºC) e nas Reuniões semanais do Grupo Disciplinar de Filosofia e de Trabalho Colaborativo.

Quanto às atividades facultativas, contempladas no ponto I.2. do Plano supramencionado, destaco a participação nas atividades extralectivas e de intervenção socioeducativa realizadas na escola correspondente à Prática Pedagógica Supervisionada, nomeadamente: a Comemoração do Dia Internacional da Filosofia. No que diz respeito a esta atividade, ocorrida no dia 17 de novembro de 2016 e desenvolvida em Grupo Disciplinar, através de quatro excertos do filme “Waking life”⁹, apresentados durante as aulas de Filosofia, os alunos tinham que responder a quatro questões diferentes que lhes foram entregues aleatoriamente. Note-se que estes excertos do filme foram adequados ao nível dos alunos, dois para o 10.º ano e dois para o 11.º. As respostas que os alunos propuseram foram afixadas num painel intitulado: *Despertar para a Vida*, onde todos os alunos tinham acesso e poderiam partilhar reflexões e pensamentos críticos entre si.

Foi no âmbito desta atividade que entendi que os discentes tendem a pensar apenas nos seus interesses, não têm um espírito aberto e crítico, levando as suas respostas a discussões entre si. Assim, percebi que seria interessante aplicar estratégias e recursos que levassem os alunos a problematizar em contexto de sala de aula, com ganhos ao nível da motivação e do tratamento científico dos conteúdos, nomeadamente a Ética, tema que pretendo trabalhar neste Relatório. Consequentemente, de acordo com o trabalho desenvolvido na turma que me foi atribuída, estabeleci um clima de trabalho muito positivo com os discentes, permitindo um desenvolvimento de atividades extracurriculares completamente relacionadas com o trabalho filosófico. Todas estas atividades foram desenvolvidas por mim em conjunto

⁷ O Plano Individual de Formação encontra-se no Anexo I do presente Relatório.

⁸ Disponível em <https://www.uc.pt/fluc/fp/docspdf/regulamento.pdf>.

⁹ Pode encontrar-se o filme em <https://archive.org/details/Despertar.da.Vida>.

com os alunos que apresentaram bastante interesse para com a disciplina. Destas estratégias suplementares de enriquecimento destacam-se a página de *facebook* que criei – *Filosofia de hoje* – onde procurei tirar dúvidas, apresentar filósofos, dar pistas sobre as aulas, sugestões de filmes e livros correspondentes à matéria lecionada, jogos, curiosidades sobre a disciplina de Filosofia, entre outras. Outra das atividades que criei foi o “*Mini Clube de Leituras*”, no final de cada sessão lecionada por mim eu ou um dos alunos que se voluntariasse, escolheríamos um excerto de um livro, cujo o tema tivesse que ver com os conteúdos da aula, para ler para toda a turma, tirando também uma conclusão. Note-se que todos os excertos escolhidos pelos alunos foram previamente revistos por mim. O objetivo das atividades extracurriculares¹⁰ foi prover um clima mais próximo com os alunos, assim como motivá-los para a disciplina de Filosofia, inculcá-lhes a atividade de leitura e a partilha de ideias através da problematização fez que com que o grupo-turma fosse criando um clima de interajuda na sala de aula.

¹⁰ O registo fotográfico da página “*Filosofia de hoje*” e do “*Mini Clube de Leituras*” encontra-se em Anexo II.

Capítulo II – Domínio de Investigação Privilegiado

I – Definição da área de investigação

No âmbito do Período da Pática Pedagógica Supervisionada cumpre-nos repensar o Plano de Ensino da Filosofia no Ensino Secundário, refletindo acerca do seu modo de ação, averiguando três pilares que merecem especial atenção quando se fala em Didática da Filosofia: o primeiro tem que ver com a circunscrição de Didática da Filosofia; o segundo com a sua exigência e por último em que consiste a sua competência. De seguida deve-se esclarecer estes três pilares, contextualizando o presente Relatório no âmbito da sua área de investigação: a Ética.

Para se esclarecer o que é a Didática e mais particularmente a didática da Filosofia, torna-se essencial esclarecer, em primeiro lugar, o que se entende por Filosofia, por Didática e pelo próprio ato do ensino da Filosofia.

A Filosofia caracteriza-se pela amizade à sabedoria. O termo Filosofia aparece com Platão para se contrapor a um outro termo, que ao contrário da Filosofia não se torna comum – Filodoxia. A filodoxia é uma atitude que privilegia a opinião injustificada ou a problematização sem um aprofundamento e sem rigor. Por outro lado, a Filosofia é a atitude de questionar. Podemos caracterizar, assim, a Filosofia como uma área singular. E porquê? Porque a Filosofia não é um mero doutrinação, um conhecimento feito e pronto a transmitir. A Filosofia é interrogação citando *Aristóteles* «Todos os homens desejam, por natureza, conhecer.¹¹» – é uma constante busca pela verdade e uma contínua aliança com a inquietação. Nesse sentido, ela prende-se a um comportamento, a uma maneira de agir, a uma atitude. A Filosofia é uma atividade, uma atividade pensante. E pensar é uma atividade tão digna de o ser como as que estamos habituados a desempenhar no nosso quotidiano. Filosofar é estar atento, estar desperto ao próprio pensamento, e não se deixar iludir pela generalidade das palavras e do mundo em si.

O filósofo não se contenta com a primeira resposta que obtém, ele luta por alguma mais verdadeira, mais completa que satisfaça a sua curiosidade, porque ele sabe que a verdade não se detém e que ele sabe muito pouco – ainda lhe falta muito para a

¹¹ Aristóteles, *Metafísica I*, original: “πάντες άνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρεγόνται φύσει”.

sabedoria verdadeira. Como todos os homens do senso comum, também o espanto suscita várias perguntas, perguntas essas que normalmente são caracterizadas como “dúvidas metódicas” ou noutros casos “dúvidas sistemáticas”. Muitas definições de filosofia surgem como aquela disciplina em que se faz perguntas acerca de tudo, ou seja, duvida-se de tudo! Isso, em parte, está errado. A Filosofia não duvida de tudo só porque sim, a Filosofia tende para encontrar respostas e não para fazer perguntas. No entanto, algumas perguntas que a Filosofia desencadeia são tão complexas, que perduram ao longo de vários séculos sem conseguir obter respostas!

Note-se que todos temos a capacidade de questionar, de nos admirarmos e duvidarmos da veracidade de algo. No entanto, só os filósofos têm a capacidade de conseguir responder a algumas perguntas, de percorrer um longo percurso até chegar à verdade e de confrontar factos e argumentos para não se deixarem induzir em erro! Como os problemas que a Filosofia trata são de natureza profunda e vão de encontro com questões não muito acessíveis a todas as pessoas, os filósofos têm que ter uma capacidade reflexiva, argumentativa e lógica bastante forte para conseguirem resolver vários enigmas e questões sem dúvida formidáveis.

Muitas pessoas, talvez mais do que a maioria, perguntam frequentemente "Para que serve a filosofia?" Para esclareçamos qual a importância da Filosofia e a sua especificidade, isto é, aquilo que apenas a Filosofia pode fazer, distintamente de qualquer outro tipo de saber ou área do conhecimento. É necessário esclarecer as três operações fundamentais da Filosofia que constituem a sua especificidade estas são: a conceptualização, a problematização e a argumentação. Em conjunto, estas três operações definem uma aprendizagem dinâmica do filosofar concentrada nas motivações e vivências dos alunos. Definir com rigor e articular conceitos, que permitiram pensar em novas ideias, de forma racional, coerente, consistente e rigorosa, nisto consiste a originalidade da Filosofia. É ela que nos torna capazes de questionar o mundo e os objetos e que nos torna dignos de viver, porque só quando nos apercebemos da existência da vida é que começamos a viver. A Filosofia torna-nos capazes de encontrar perguntas que até aí não existiam e ir em busca das respostas que nos trarão outro sentido para a realidade. A arte é apenas uma das muitas e infinitas aplicações da Filosofia: a arte de pensar. Citando *Thomas Nagel*, «A

preocupação fundamental da filosofia consiste em questionarmos e compreendermos ideias muito comuns que usamos todos os dias sem pensarmos nelas.»¹²

Quando falamos em Didática, há que primeiramente esclarecer a própria palavra “didática”. A palavra *didática* deriva da palavra grega *didáskein* que tanto significa *ensinar* como *aprender*. Esta dupla articulação leva-nos a considerar então a didática como o estudo do ensino e da aprendizagem de uma disciplina específica. No fundo, a didática é uma competência técnica do saber e do saber ensinar esse mesmo saber, que visa a metodologia de bem transmitir um conhecimento específico. Cada disciplina tende a organizar em torno da sua especificidade uma didática, isto é, uma forma de organizar o ensino e aprendizagem dos seus conteúdos. A Filosofia enquanto disciplina escolar corresponde, tal como outras disciplinas, a uma área de conhecimento humano, com um objeto e um método de estudo próprios. É por isso importante começar por clarificar o que caracteriza a Filosofia enquanto área do conhecimento, o que a aproxima e afasta de outras áreas de conhecimento e qual o método próprio que usa. Esta tarefa é necessária porque iluminará o estudo das teorias filosóficas, mas também permitirá a aquisição de capacidades e competências filosóficas. Posto isto, quando pensamos sobre a Didática da Filosofia não podemos deixar de refletir sobre algumas questões que nos vão surgindo como o pensar no ensino de Filosofia de modo dinâmico, aprazível e, como exercitar o pensamento livre em qualquer direção, sem medo do lugar onde se pode chegar. Verifica-se com frequência a existência de práticas de ensino de memorização, de atividades pouco atrativas, tornando os conteúdos curriculares vazios de reflexão e os discursos sem problematização filosófica. Discursos que “não servem para nada”, são as acusações mais comuns que encontramos a respeito das aulas de Filosofia. Sendo a disciplina de Filosofia de carácter obrigatório na Formação Geral dos Cursos Científico-Humanísticos do Ensino Secundário¹³, a Filosofia apresenta-se com um aspeto de universalidade e transversalidade. Assim, mais do que cativar os alunos desta ou daquela área, a Filosofia apresenta características que englobam a humanidade, a reflexão e o

¹² NAGEL, Thomas, *Que quer tudo isto dizer? Uma iniciação à Filosofia*, trad. por Teresa Marques, Lisboa: Gradiva, 2002, p.8.

¹³ Cf. ALMEIDA, Maria M. B. (coord.), Programa de Filosofia: 10º e 11º anos dos Cursos Científico – Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Artísticos Especializados, Lisboa: Ministério da Educação, homologação a 01/10/2004, 10º ano e a 24/08/2005, 11º ano, p.4.

conhecimento, que são comuns a todos, podendo relacionar-se com os discentes, qualquer que seja a área de estudos, dado o seu caráter abrangente e universal. Neste sentido, a didática de Filosofia deve constituir-se como uma técnica do saber no crescimento pessoal e interpessoal do professor e dos alunos, na busca de experiências significativas; no incentivo à descoberta: o conhecimento como construção de conceitos, numa lógica da aprendizagem; no desenvolvimento da capacidade de raciocínio: a busca da habilidade de pensar por si mesmo; e no crescimento da compreensão Ética.

É preciso que o professor de Filosofia entenda a sociedade e conseqüentemente a educação como um processo dialético, em constante modificação, e que evidencie por um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas e fenômenos multidimensionais. Podemos dizer que ensinar Filosofia é um exercício de apelo à diversidade, é o uso de questões fundamentais para a existência humana; é um desempenho de abertura à busca da criatividade, de um pensamento sempre livre e fundamentado; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar Filosofia, aprender Filosofia.

As competências transversais e determinantes da Filosofia transpõem-se em todas as áreas de aprendizagem e visam desenvolver processos que contribuem para que os alunos sejam progressivamente mais ativos e autônomos na sua própria aprendizagem. Já disse anteriormente que as atividades filosóficas se traduzem em três operações fundamentais: a conceptualização (definir com rigor e articular os conceitos), a problematização (força de interrogação e de reflexão) e a argumentação (justificar racionalmente uma ideia). Por um lado, a Filosofia requer, para a sua prática rigorosa, determinadas competências transversais, por outro lado, ela desenvolve um determinado tipo de aptidões que, ao serem exercidas noutras disciplinas ou noutras circunstâncias da vida do aluno, denotam a transversalidade da atividade filosófica. No primeiro caso, é comum mencionar-se a necessidade de competência linguística para o correto exercício do filosofar; no segundo caso, é habitual referir-se o contributo da Filosofia para o desenvolvimento de uma atitude crítica e a aquisição de um pensamento disciplinado. São estas competências filosóficas transversais os

instrumentos que permitem avaliar, refutar ou corroborar argumentos, construir novos argumentos e interpretar/analisar textos. A atividade argumentativa, a clareza, o rigor e disciplina do pensamento é, de facto, tipicamente transversal e exercida em variadíssimas circunstâncias do quotidiano sendo requerida em numerosas disciplinas escolares. Trata-se de uma competência central adquirida na atividade filosófica, daí dever ser conceptualizada na aula de Filosofia. Por isso, cabe ao professor desta disciplina tomar a argumentação como objeto de estudo, disciplinando tornar a capacidade argumentativa natural dos alunos, para uma formação de cidadãos informados, críticos e participativos nos problemas mais complexos que intrigam o ser humano.

Desta forma, a Filosofia assume um lugar de “elite” tanto na esfera social, na medida em que surge como uma «atividade de pensar a vida, contribuindo para a construção da identidade pessoal e social dos jovens que lhes permita compreender o mundo em que vivem, integrar-se nele e participar criticamente na sua construção e transformação»¹⁴, como no meio escolar, na medida em que aparece «como uma disciplina em que os alunos, em contextos de aprendizagem que se pretendem dinâmicos, devem aprender a refletir, a problematizar e a relacionar diferentes formas de interpretação do real¹⁵». A Filosofia vai mais além do simples conhecimento teórico, assumindo de igual forma uma vertente prática que elucida a busca incessante do ser humano pelo verdadeiro sentido da sua existência, tão patente na estrutura moral socrática – “conhece-te a ti mesmo”.

O professor de Filosofia é também um filósofo porque ensinar (e aprender), podemos partir da ideia kantiana, de que Filosofia é filosofar: «Quanto ao que respeita à razão, apenas se pode, no máximo, aprender a filosofar (...) isto é, exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais...».¹⁶ O papel do Professor, em particular do professor de Filosofia, será o de acordar o aluno e mantê-lo ativo na construção da estrada que quer seguir. Contudo, despertá-lo para esta atitude mental

¹⁴ Cf. ALMEIDA, Maria M. B. (coord.), Programa de Filosofia: 10º e 11º anos dos Cursos Científico – Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Artísticos Especializados, Lisboa: Ministério da Educação, homologação a 01/10/2004, 10º ano e a 24/08/2005, 11º ano, p.5.

¹⁵ Cf. ALMEIDA, Maria M. B. (coord.), Programa de Filosofia: 10º e 11º anos dos Cursos Científico – Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Artísticos Especializados, Lisboa: Ministério da Educação, homologação a 01/10/2004, 10º ano e a 24/08/2005, 11º ano, p.5.

¹⁶ KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: Editora Vozes, 2012, A837 B 865 e A 838 B 866.

de quem procura (e não, necessariamente encontra) pode não ser tarefa fácil. A principal dificuldade será ultrapassar esta resistência inicial com que os alunos chegam, muitas vezes, às aulas de Filosofia. Segundo *Kant*, a Filosofia não é nenhum conteúdo acabado que esteja aí, pronto a ser apreendido. Poderá parecer redutor um programa de Filosofia a cumprir, mas como bons professores iremos procurar o espaço de manobra que este nos dá, enquanto professores, para introduzir o aluno na Filosofia e no filosofar. Pensar o *como ensinar* Filosofia não é pensar num método mais eficaz para transmitir determinados conteúdos tendo em vista objetivos, gerais e específicos, que se pretendam alcançar. Pensar o *como ensinar* Filosofia é pensar como podemos libertar e potenciar a Filosofia, não aquela que já existe, que segundo Kant não é nenhuma, apenas um conjunto de conhecimentos “subjetivamente históricos”¹⁷, mas aquela que está para ser e que se encontra em maior força no questionamento de cada indivíduo (aluno). Daí que, o que a Filosofia é depende muito da maneira como é ensinada e aprendida. O encontro com a Filosofia lança o aluno numa tarefa interminável, desinstala-o da existência, o que pode angustiar, é certo, mas também pode tranquilizar e ser libertador. Assim, o professor de Filosofia deve colocar-se numa atitude de humildade de quem se reconhece ignorante de si próprio. No fundo, o professor tem que ser um sedutor, capaz de cativar os alunos a aprender mais, por si mesmos, capaz de captar a atenção para a disciplina que ensina e capaz de suscitar nos discentes o prazer que ele próprio sente enquanto ensina. Pondo-se disponível para caminhar (trabalhar) com os alunos. De acordo com *Martin Heidegger*, «ensinar é mais difícil do que aprender. Sabemos muito bem isto, mas poucas vezes o pensamos. Por que é que ensinar é mais difícil do que aprender? Não porque os docentes tenham que estar na posse do máximo possível de conhecimentos e tê-los sempre à disposição. Ensinar é mais difícil do que aprender porque implica um fazer aprender. E mais, o autêntico mestre, o único que ensina, é a arte de aprender. Por isso com frequência a entrada do docente desperta a impressão de que, propriamente, não se aprende nada com ele, enquanto passámos a entender por «aprender» a transmissão de conhecimentos úteis. A única coisa que o professor leva do aluno é que tem que aprender ainda mais, tem que ver com a capacidade de aprender. O mestre tem que ter a capacidade de estar mais disposto a aprender do que os próprios aprendizes. O

¹⁷ KANT, Immanuel, *Réflexions sur l'éducation*, Paris: VRIN J., 2003.

mestre está muito menos seguro do seu assunto do que os aprendizes o estão dela. Daí que a relação entre mestre e aprendiz, se esta é genuína, nunca se ponha em jogo a autoridade do muito saber, nem a influência autoritária do encarregado de ensinar»¹⁸.

Para concluir esta dissertação no âmbito da área de investigação do presente Relatório, torna-se fundamental esclarecer em que consiste a competência didática-filosófica, esta é uma competência ao mesmo tempo científica, filosófica, didática e ética, por se tratar de uma competência em relação a um saber que se abre ao outro. A competência didática traduz-se assim numa competência técnica para preparar, lecionar e avaliar aulas, tanto do ponto de vista da preparação dos conteúdos como das modalidades ou estratégias. Do ponto de vista de estratégias e modalidades, exige-se que o professor saiba conjugar a exposição com leitura e análise de textos, o audiovisual, o diálogo e a problematização fundamentada com argumentos de ideias válidas.

Note-se que dentro deste horizonte de didática, interessei-me em particular pelo segundo módulo, “*A ação humana e os valores*”; Capítulo 3 – “*Dimensão da Ação Humana e dos Valores*”. É no âmbito deste módulo que se inserem as unidades programáticas da Ética, da política, da estética ou da religião. O meu maior interesse é sem dúvida a Ética. E neste Relatório de Estágio, tenho como objetivo, enunciar quais foram os problemas com que me deparei e as estratégias/ recursos que utilizei, ao longo do Período de Prática Pedagógica, ao lecionar duas das teorias éticas: a de *Immanuel Kant* e a de *John Stuart Mill*.

O desafio ético que lançava aos meus alunos durante as aulas, correspondentes à subunidade “*Dimensão da Ação Humana e dos Valores*”, encaminha-se com o pensamento do autor *Peter Singer*: «A ética exige que nos abstraiamos do «eu» e do «tu» e que cheguemos à lei universal, ao juízo universalizável, ao ponto de vista do espectador imparcial ou do observador ideal, ou o que lhe quisermos chamar.¹⁹» Aqui, percebe-se que a, prática filosófica distingue-se das demais pelos temas que problematiza e pela especificidade da linguagem. É extremamente importante

¹⁸ HEIDEGGER, Martin, *Qué significa pensar?*, trad. por Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, 2005, p.77-78.

¹⁹ SINGER, Peter, *Ética Prática*, trad. por Álvaro Augusto Fernandes, Lisboa: Gradiva, 2002, p.28.

reconhecer e inculcar a necessidade de situar os problemas filosóficos no seu contexto histórico-cultural, os alunos devem ter sempre presente um pensamento crítico e argumentativo perante os problemas do dia a dia. Ora, sendo o Programa incutido na ideia de que as três competências fundamentais no que respeita ao desenvolvimento do trabalho filosófico de sala de aula são a conceptualização, a problematização e a argumentação, parece, deste modo, justificada a escolha da problematização como objeto de estudo do presente Relatório de estágio, querendo assim investigar novas metodologias e recursos ao nível da problematização no Ensino da Filosofia.

Para melhor se perceber o porquê de ter escolhido a Ética como tema central do meu Relatório de Estágio, vou começar por tratar a necessidade do ensino da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário. Ao ensinarmos Ética estamos a preparar os alunos para se tornarem futuros cidadãos, a terem respeito por si, pelos outros e pelo meio onde vivem. Ao falar do lugar da Ética no Ensino Secundário não se pretende substituir qualquer educação moral, religiosa ou cívica, mas antes integrá-la no espaço interdisciplinar da Filosofia. Não se pretende reduzir a Filosofia à Ética, mas é necessário evidenciar a sua vocação ética e mostrar que o ensino da Ética, para lá de todas as controvérsias que potencialmente provocará, tem um carácter eminentemente formativo e racional no âmbito de uma educação global dos alunos.

Pareceu assim adequada a escolha da Ética, a análise das éticas de *Immanuel Kant* e de *J. Stuart Mill*, seguindo-se deste modo com a dimensão da problematização como auxílio nas aulas lecionadas e nos recursos e estratégias que escolhi. Portanto, considero justificado o motivo da relevância que dou tanto à Ética como a problematização que esta gera e, conseqüentemente, como é que esta problematização pode ser explorada no Ensino da Filosofia.

II – Enquadramento teórico

A fundamentação da moral é um problema filosófico que completa o Programa de Filosofia do Ensino Secundário e será neste âmbito que será abordado tal problema. A subunidade que tem por objetivo proceder a uma análise comparativa de duas perspetivas filosóficas no que respeita à necessidade de fundamentação da moral,

entre as quais a ética de *Kant* e a ética de *Mill*. Uma vez aí, olharemos, pois, para o problema da fundamentação da moral enquanto problema filosófico.

Desde que iniciei o capítulo três (*Dimensões da ação humana e dos valores*), que corresponde à unidade II, *A ação humana e os valores*, a ação sempre constituiu um problema ético, na medida em que são múltiplas as possibilidades de agir e o ser humano tem de descobrir a melhor forma de o fazer. À medida que a lecionação da matéria ia decorrendo, os alunos colocavam várias questões, tais como: **“Como devemos agir?”**; **“Devemos realizar o que julgamos útil? É útil para quem?”**; **“Devemos pensar em nós ou nos outros?”**. Estas foram algumas das questões que me foram colocadas ao longo da lecionação das aulas, questões estas que muitas vezes nos deparamos quando nos sentimos numa encruzilhada de caminhos, sem saber por onde seguir. E foi precisamente através destas questões que percebi a necessidade de me dedicar e investigar mais sobre a Ética. Pois se todo o ser humano se depara com estas questões e dilemas durante a sua vida é necessário que se comece a pensar nelas um pouco mais cedo, daí a importância da Filosofia no Ensino Secundário. É necessário que os alunos reflitam sobre a suas ações e este problema ético.

A Ética é uma área tradicional da Filosofia, também conhecida por filosofia da moral, que se propõem refletir e compreender a moral com vista à fundamentação da ação humana. Dentro deste âmbito podemos falar da ética normativa, da ética aplicada e da meta-ética. A primeira, procura encontrar os princípios morais fundamentais que orientam a conduta humana, aqueles que permitem distinguir as ações corretas das incorretas (bem/mal), questionando, ainda, as regras e os princípios a adotar para se saber distinguir o certo do errado. A segunda, analisa casos particulares como: a eutanásia, o aborto, o tratamento às minorias étnicas entre outros na tentativa de indicar soluções para esses problemas sociais. Por último, a meta-ética, distingue-se das outras duas não só por ser mais abstrata, mas também por não possuir um carácter normativo/descritivo. Nesta área, o objetivo não é saber o que devemos fazer ou valorizar, isto é, não é defender determinados juízos morais, mas sim discutir o que querem dizer os nossos juízos morais e como podemos avaliá-los, procurando descobrir a origem, a natureza e o significado dos princípios éticos.

Com diversas estratégias de cariz prático/reflexivo e problemático, pretendi despertar as consciências dos discentes não só para a distinção entre o bem e o mal, o

certo e o errado, como também o esclarecimento do que é a moral e a Ética, por conseguinte como se constrói a consciência moral e porque é necessário a fundamentação da moral. Através da exposição dos conceitos acima mencionados e de vários exemplos e exercícios, tentei conduzir os alunos à reflexão sobre a importância do enquadramento moral/ético nas suas experiências quotidianas, com exemplos concretos das suas atividades na sociedade. A exigência proposta consistia no despertar para uma fundamentação da moral feita a partir de exemplos vividos e pela compreensão daquilo que eles entendem como intenção, experiência, responsabilidade e consequências (conceitos já apreendidos pelos discentes); como os apreenderam, como são aplicados e hierarquizados, bem como qual o uso que fazem deles na sua experiência pessoal e interpessoal.

Como diz *Thomas Nagel*, «Há muitos problemas filosóficos relativos ao conteúdo da moral – como deve exprimir-se a preocupação ou respeito moral pelos outros; se devemos ajudar as outras pessoas a conseguirem o que querem ou se é suficiente evitar prejudica-las ou dificultar-lhes a vida; quão imparciais devemos ser e de que maneiras devemos sê-lo.²⁰» Seguindo a citação de *Nagel*, tomemos como ponto de partida a seguinte formulação do problema da fundamentação da moral: O que é que faz com que uma ação seja boa? Ela é boa porque uma vez realizada, promove o bem de alguém? Ou será que é boa em si mesma, independentemente do bem que possa promover? Existem duas concepções distintas da moral: a deontológica e a utilitarista.

Os filósofos deontologistas, como *Kant*, consideram que a moral é formal já que nos diz como deve ser o princípio que orienta a nossa ação, mas não o que devemos fazer. Agimos moralmente quando praticamos uma ação por dever, quando obedecemos à lei moral universal sem ter em conta fins exteriores. Agir moralmente é, assim, agir de acordo com a vontade racional de cumprir o dever. É ao agir de acordo com uma vontade boa em sintonia com a lei que o homem descobre em si porque ela se lhe impõe como um mandamento imperativo.

A ética utilitarista, a ética própria de *Stuart Mill*, entende que as ações são justas quando conduzem à felicidade. Assim, o prazer enquanto ausência de dor é o bem

²⁰ NAGEL, Thomas, *Que quer dizer tudo isto? Uma iniciação à Filosofia*, trad. por: Teresa Marques, Lisboa: Gradiva, 2012, p.68.

supremo. No entanto, diferencia-se os prazeres a partir da experiência: há prazeres nobres e prazeres inferiores. A moral utilitarista reconhece-se na felicidade, a felicidade pessoal, mas esta também deve ter o mesmo peso moral que a felicidade dos outros.

Foi a partir destas duas teorias que comecei a desenvolver o tema da Ética durante as aulas lecionadas na Pática Pedagógica Supervisionada. Duas foram as razões que me levaram a escolher a Ética como tema do Relatório de Estágio: a primeira delas é, como já foi mencionado anteriormente, a necessidade da Ética na formação dos jovens alunos, como uma forma de preparação para a experiência com a cidadania. A segunda razão é que a Ética trata de problemas atuais presentes na vida de todos os alunos. Por estas razões, a Ética e a fundamentação da moral, servem muito bem ao propósito de auxiliar os alunos a pensarem por si, de forma autónoma, para que possam eles mesmos construir o seu conhecimento através da sua própria deliberação. Este aspeto foi extremamente positivo ao longo do Estágio, durante os debates em sala de aula. Os alunos, na maioria, mostraram-se bastante empolgados ao debater problemas atuais, que fazem parte do quotidiano e ao aplicar o método filosófico na avaliação desses problemas e na busca pelas respostas. O termo problema foi sempre bastante utilizado ao longo da minha Pática Pedagógica Supervisionada, pois supõe sempre algo de discutível, no sentido em que envolve o tratamento sistemático de uma dada questão, *neste caso o problema da fundamentação da moral*. Ao fazer a caracterização de cada teoria apresentada – *deontológica e utilitarista* – no seu devido contexto; levar os discentes a organizarem um levantamento das principais perspetivas ou abordagens possíveis do problema; e, a tirarem as suas sínteses ou conclusões, apontando soluções ou perspetivas a seguir ou a tomar em conta. No fundo, o termo problema é a aplicação a um dado problema das estruturas de discussão que referi anteriormente. A meu ver, esta forma de tratar o tema Ética através de um suposto problema é essencial nas aulas de Filosofia, mas porquê? «Porque a Filosofia é um discurso que pretende conhecer o real de modo consciente, não se pode limitar a observar e descrever esse real de modo passivo. Tem que o questionar, tem que o “avaliar” sobre a sua verdade, a sua adequação, o seu sentido e finalidade, tem que o “testar” para poder concluir, com segurança, sobre aquilo que ele é. Nesse sentido, a Filosofia apresenta-se sempre com um

problematizar constante, sempre ao nível dos conceitos. E é dessa problematização e da necessidade de fundamentação que daí advém que se passa à **sistematização**, à **organização** dos conceitos, à sua **reavaliação**, à sua **definição clara de sentido**, face a outros conceitos próximos. Daí que a Filosofia se apresente, metódica e sistematicamente, como problematizar e que o seu desenvolvimento suponha **problemas** à partida.²¹» Podemos então perceber que os problemas filosóficos tratados nas minhas aulas, tiveram sempre que ver com a Ética, pois trataram de questões fundamentais para os seres humanos e tiveram a possibilidade de terem respostas plurais, não únicas. Nas situações em que encontramos respostas de carácter científico, temos, na maior parte dos casos, soluções ou respostas únicas. Posso assim referir que um dos meus objetivos nas aulas dadas era captar a atenção de todos os alunos, mas essencialmente tornar as aulas dinâmicas evitando a receção passiva por parte dos discentes, daí o interesse pela Ética, principalmente a análise comparativa entre as duas teorias éticas. É importante que os alunos se coloquem na perspetiva de cada pensador. Devem tentar observar de que se trata em cada teoria e como a abordar na aula de Filosofia. Para introduzir *I. Kant* e *J. S. Mill*, procurei através da página criada no *facebook* – **Filosofia de hoje!** – fazer uma breve introdução sobre cada filósofo e depois pedir dois alunos (as) voluntários (as)²², através de uma investigação feita por estes, para apresentarem o filósofo abordado na aula a toda a turma. Foi uma estratégia que obteve bastante sucesso e que foi repetida para a apresentação de outros filósofos. É importante, a meu ver, os alunos terem uma participação ativa nas aulas de Filosofia e não ser só o professor a conduzir a aula. Será uma boa forma de trabalhar e com mais probabilidades de sucesso e de bons resultados.

É de salientar, também, as fichas de trabalho entregue aos discentes, onde procurei formular questões de cariz um pouco complexo para que os alunos tivessem a oportunidade de argumentar entre eles, e mesmo comigo enquanto docente estagiária. Não é só a Ética, visto que é este o tema central do meu Relatório, mas é também a disciplina de Filosofia e a própria reflexão filosófica que integra a

²¹ FRANKLIN, Agostinho, *Estudar Filosofia*, Porto: Porto Editora, 2005, pág. 97.

²² O registo em formato digital desta atividade feita por duas alunas voluntárias encontra-se no Anexo III do presente Relatório.

argumentação. Durante a realização das fichas de trabalho efetuados em conjunto com o grupo-turma é de realçar a aprendizagem filosófica do aluno e aluna que supõe, portanto, aprender a argumentar. As suas intervenções e os seus escritos não se podem limitar à simples expressão de uma opinião, mas conduzem muitas vezes a um processo crítico de argumentação. Que era o pretendido. Quando os alunos argumentam, defendem o seu ponto de vista, devem também ser capazes de o justificar racionalmente. Claro que nem sempre é fácil encontrar justificações racionais para fundamentar os seus pontos de vista, mas aí é onde está o meu papel enquanto professora estagiária, tornar os alunos suficientemente capazes e autónomos de formular um argumento, um raciocínio coerente e justificado. O ideal foi sempre tornar a disciplina de Filosofia como um contributo que ajudasse os alunos e alunas a serem capazes de se libertar do terreno dos lugares-comuns, das suas escolhas e preferências muitas vezes irracionais. Para ultrapassar esta dificuldade, procurei sempre, ter um contacto fundamental e direto com os textos filosóficos, apresentados nas fichas de trabalho e também no *Caderno de Filosofia* que produzi para os discentes, e ver como vários filósofos, neste caso em particular *Kant* e *Mill*, apresentam os seus argumentos, ou seja, ver como elaboram os seus textos de carácter argumentativo.

Centremo-nos na Ética como a minha fonte de pesquisa para este Relatório de Estágio, mais precisamente o problema da fundamentação da moral, este engloba, pois, de um modo geral, as questões de como distinguir o moralmente correto do moralmente incorreto e de definir em que consiste o valor moral de uma ação. Aqui percebemos o quanto é importante incentivar e transmitir aos discentes a capacidade de problematizar e argumentar racionalmente, filosoficamente, tendo sempre presente também o respeito mútuo entre todos os presentes na sala de aula. A participação em debates acerca da Ética, ou de outros conteúdos programáticos, confrontando e valorando posições filosóficas pertinentes ainda que conflitantes é, como já vimos anteriormente, outra das competências que os discentes devem adquirir durante o seu percurso escolar, e que deve ter um lugar particular na disciplina de Filosofia – daí a minha preocupação em organizar um debate e dividir a turma em dois grupos onde estes se confrontavam com as teorias éticas de *I. Kant* e *J. S. Mill*. É certo que «é fácil demonstrar que aquisição e o uso desta competência não é exclusiva da

disciplina de Filosofia. De facto, os alunos e alunas, podem usar e treinar esta competência nas mais variadas disciplinas do seu currículo, uma vez que esta estratégia é muito usada nas diferentes situações de aprendizagem escolar ou até extra-escolar.²³» A meu ver a aula de Filosofia é uma situação privilegiada para o uso desta estratégia uma vez que a Filosofia é por natureza polémica, e foi precisamente nesta estratégia que procurei introduzir aos alunos uma abertura para o debate e logo isso levou ao confronto de ideias, ao diálogo, arrisco-me a dizer que levou à superação de conflitos e, também, à procura de consentimentos desenvolvidos. «Muitos filósofos contemporâneos dedicam uma atenção particular às questões da comunicação e do discurso. Entre eles, Karl Otto Apel e J. Habermas, que referem nas suas obras alguns dos princípios fundamentais do que se pode designar *ética da discussão, ética da comunicação e ética da argumentação*.²⁴»

É fundamental para o desenvolvimento de competências e conhecimentos dos e nos alunos que estes sejam envolvidos no percurso das aulas participando ativamente na construção da própria aula de modo a facilitar a sua aprendizagem. Por este motivo se privilegiou como estratégia o método expositivo-dialógico e se teve sempre em consideração, no campo da avaliação, a participação ativa dos alunos nas aulas. Deste modo, as aulas foram planificadas partindo do pressuposto de uma necessidade de interação com o grupo-turma, que não é promovida pela metodologia meramente expositiva. Como tal, houve sempre a busca de uma articulação desta mesma metodologia com uma metodologia dialógica, de interação dinâmica com os alunos. Optei, sempre que achei necessário, por seguir o manual escolar, abordando textos de *Kant* e *Mill*. Relativamente ao manual escolar, este é um recurso didático-pedagógico direcionado especificamente para os alunos. Ele contém os conteúdos científicos programáticos, expostos estruturadamente de forma pedagógica podendo servir como uma espécie de “ponte” entre alunos e professores em aula e fora de aula, prolongando a aula “até casa”, na medida em que poderá servir de instrumento de trabalho no ato de estudo autónomo do aluno. Isto, enquanto professora estagiária nunca ignorei.

²³ LOURENÇO, J. Vieira, “*Ferramentas do aprendiz de filósofo*”, Porto: Porto Editora, 2005, pág. 68.

²⁴ LOURENÇO, J. Vieira, “*Ferramentas do aprendiz de filósofo*”, Porto: Porto Editora, 2005, pág. 70.

Visto que o tema da Ética, em específico o problema da fundamentação da moral, aborda bastantes conceitos é normal que determinados alunos mostrassem mais dificuldades em compreender determinados conceitos ou a atingir determinados objetivos, o mesmo evidenciava ou terem-se esquecido do trabalho desenvolvido anteriormente ou dificuldade em associar com os conceitos, e conteúdos de uma maneira geral, já trabalhados. Existe uma grande necessidade de que aluno seja capaz de relacionar e distinguir os diferentes conceitos que aprende, de traçar uma linha contínua de raciocínio em que o que se passou nas aulas anteriores não fique esquecido. Por isto, organizei as aulas, mais uma vez com a ajuda do Caderno de Filosofia²⁵ criado por mim, onde continha todos os conceitos de todas as aulas, de modo a que cada uma delas se pudesse iniciar relacionada com a anterior, podendo assim recuperar esta e enriquecê-la com novos dados e descobertas.

Também os textos dos filósofos constituem um material importante que não deve ser descurado no ensino da Filosofia. Primeiro, porque permitem o contacto direto com o exercício da Filosofia, depois porque, especialmente quando estudamos um autor, permite-nos conhecer melhor os filósofos e/ou um autor específico. Assim, ao selecionar os textos a trabalhar com os alunos, estando a estudar o pensamento ético de *Kant* e o pensamento ético de *Mill*, não deixei de ter em consideração as obras destes mesmos pensadores. Deste modo, não colocando de parte o contacto com os filósofos, procurei selecionar textos simples e curtos, onde a informação a analisar fosse exposta diretamente e de forma concisa, procurando evidenciar como se pode dialogar com um texto, questionando-o e procurando nele as respostas a esse mesmo questionamento. Os textos selecionados para dar em aulas podem ser consultados nas fichas entregues aos discentes. A primeira preocupação que tive ao selecionar os textos, de um modo geral, essencialmente científica, mas também didática e pedagógica, foi que estes auxiliassem o desenvolvimento do conhecimento da teoria ética de ambos os autores que estávamos a estudar. A segunda preocupação, mais profundamente didática e pedagógica, foi que eles fossem simples na sua linguagem, de modo a serem acessíveis ao entendimento dos alunos, que estão ainda a iniciar um primeiro contacto com a disciplina de Filosofia, e que não fossem muito

²⁵ O registo desta estratégia encontra-se no Anexo IV do presente Relatório.

longos, de modo a evitar mais dispersão na sua análise. Interessava-me que os discentes focassem ideias essenciais para refletirem sobre elas.

O Programa não esquece a importância da diversidade dos materiais e ao longo das minhas aulas fui tentando sempre variar os materiais. Na aula de Immanuel Kant apresentei um excerto de um vídeo durante a aula²⁶, mas por exemplo: não só nas aulas é que existiram a apresentação de vídeos também referi filmes como sugestões de enriquecimento para que os alunos mantenham o contacto com a matéria fora da sala de aula. Ambos os vídeos foram escolhidos por mim para que se centrassem simplesmente nos casos e cenas que queria discutir com os alunos evitando a dispersão destes.

Na reflexão geral a minha Prática Pedagógica, no meu ponto de vista, correu conforme previa. Tiveram lugar situações que não correram tão bem como queria, resultado da falta de prática e experiência. Contudo, esta prática inicial de lecionação foi gratificante pois serviu para evoluir em diversos aspetos, enquanto futura docente. Inicialmente, denotei alguma fragilidade no que concerne ao tentar cativar e controlar a turma. Contudo, estas debilidades foram efetivamente ultrapassadas. O professor, como já anteriormente havia mencionado, é não apenas um transmissor de conhecimentos, mas é, também, um motivador e impulsionador para que o processo efetivo de aprendizagem seja realizado com êxito. Desta forma, uma das minhas preocupações, enquanto professora estagiária, foi criar “discussões” e dilemas com os alunos de modo a encorajá-los e incentivá-los para o processo de ensino-aprendizagem. Para o efeito, considero que as metodologias por mim utilizadas foram as mais adequadas. Todos os discentes puderam opinar e expressar as suas ideias perante a matéria dada. Um outro aspeto essencial que tive em consideração foi a valorização dada ao aluno.

«Falar de educação conduz desde sempre, e hoje mais do que nunca, a falar dos «jovens». A sua presença é grande no património dos escritos de sabedoria, pois é a eles que se dirige o primeiro incentivo a buscar a sabedoria. Sábio é já o jovem que se interroga. Louco aquele que nada escuta. Ao que se interroga, o mestre de sabedoria indica duas práticas, abrindo uma à outra: a disciplina e a experiência. A nossa cultura liberal teve uma certa tendência para criticar a disciplina pelos seus

²⁶ O link e o guião do vídeo encontram-se no Anexo V do presente Relatório.

dogmatismos, para classifica-la na categoria dos acessórios ultrapassados e para tudo basear na experiência. Era, muitas vezes, esquecer que a experiência, para ser proveitosa, requer uma disciplina. As tradições religiosas, por seu lado, preservaram melhor uma parte de disciplina, nomeadamente, na aprendizagem da gestão de si mesmo. Não sendo de esquecer, na educação dos jovens, o que elas propõem, igualmente, como experiência.²⁷»

²⁷ CHANGEUX, Jean-Pierre, *“Uma mesma ética para todos?”*, Lisboa: Instituto Piaget e Epistemologia e Sociedade, 1997, pág.76.

Capítulo III – Proposta de Ferramentas Didáticas de Conceptualização e Problematização

I – Ferramentas

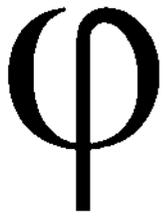
Neste terceiro capítulo farei a apresentação dos três recursos escolhidos como proposta de apresentar o trabalho que realizei com os discentes ao longo da Pática Pedagógica Supervisionada, relativos também ao tema aqui tratado neste Relatório – Dilemas e perplexidades da Ética no ensino de Filosofia no Ensino Secundário.

O objetivo deste capítulo é mostrar e explicar o porquê de ter escolhido ter feito duas fichas de trabalho e um debate, assim como explicar a importância que teve para mim, enquanto professora estagiária, e para os alunos. Procurei sempre que preciso refletir continuamente sobre a forma como deveria ensinar os conteúdos ou o tempo que tinha para gerir. No entanto, não me senti na “obrigação” de fazer com que as minhas aulas fossem sempre inovadoras, porque o importante era transmitir os conteúdos aos alunos. O método expositivo e a leitura em conjunto de textos filosóficos são ferramentas muito eficazes para o estudo de Filosofia.

Vou também refletir o porquê de ter escolhido as questões da ficha e não outras, assim como os textos também apresentados. Dever-se-á também clarificar o motivo da escolha os textos filosóficos. Também vou esclarecer o porquê de realizar um debate com todos os discentes.

Concluindo, este capítulo serve essencialmente para ver e perceber em que consistiu a minha parte prática do Estágio, como correu, quais as dificuldades que obtive, assim como os aspetos positivos não só para mim, mas também para os discentes.

**Ferramenta Didática de
Conceptualização e Problematização
nº1: *Immanuel Kant***



Filosofia | 10.º Ano - Turma C | Ano Letivo 2016/2017
DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES
2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da ação moral
Ficha de Exercícios N.º 9



Exercício 1 – Assinalar

Assinale as ações feitas por dever e conforme o dever:

1. Estar calado na aula porque a professora assim o exige.
2. Respeitar os nossos semelhantes porque eles devem ser respeitados.
3. Ajudar os que são nossos amigos.
4. Respeitar os semelhantes para viver em paz.
5. Ajudar o próximo porque devemos ajudá-lo.
6. Estar calado na aula porque é assim que se deve estar.
7. Obedecer aos pais para que não ponham entraves à viagem de fim de curso.
8. Chegar a horas à aula porque é o dever de todos os alunos.
9. Ser solidário para conseguir a admiração dos outros.
10. Ser leal aos colegas porque a lealdade é uma virtude.

Objetivo Específico: Perceber porque é que a ética kantiana é uma ética deontológica.

Exercício 2 – Identificar e indicar

Das seguintes afirmações, indique as que estão de acordo com a vida e o pensamento de Kant:

1. Recusou as éticas anteriores porque eram heterónomas, materiais e derivavam da experiência.
2. Considera que agir por dever conforme ao dever são atos morais.
3. Defende uma ética autónoma.
4. Tem uma conceção dualista do homem.
5. O homem age moralmente quando satisfaz necessidades de natureza biológica.
6. Os nossos deveres provêm da nossa vontade racional.
7. O objeto da ética é a felicidade.
8. Considera que há situações em que os fins justificam os meios.
9. O homem age moralmente quando cumpre um dever pelo puro respeito ao dever.
10. Na prática do dever não interessam os conteúdos nem os fins a atingir.
11. A ética de Kant é uma ética material.
12. Foi o primeiro a propor uma ética deontológica. c

Exercício 3 – Compreensão e análise

Dois comerciantes, A e B, estão desejosos de ganhar dinheiro. O comerciante A tem a loja numa aldeia onde tudo se sabe. Daí que ter fama de ser honesto seja importante para o negócio, pelo que decide cobrar o mesmo preço a todos os clientes. O outro comerciante, o B, tem a loja no aeroporto, onde os clientes gastam apressadamente as últimas moedas. Assim sempre, que pode, engana-os nos preços.

3.1. Que juízo moral faria Kant sobre o comportamento destes comerciantes?

Exercício 4 – Leitura e análise de texto

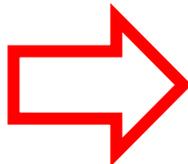
“Uma ação praticada por dever tem o seu valor moral, não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina; não depende portanto da realidade do objeto da ação, mas somente do princípio do querer segundo o qual a ação, abstraindo de todos os objetos da faculdade de desejar, for praticada. Em que reside pois este valor, se ele não se encontra na vontade considerada em relação com o efeito esperado dessas ações? Não pode residir em mais parte alguma senão no princípio da vontade, abstraindo dos fins que possam ser realizados por uma tal ação.

O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera. Pois todos estes efeitos (a amenidade da nossa situação, e mesmo o fomento da felicidade alheia) podiam também ser alcançados por outras causas e não se precisava portanto para tal a vontade de um ser racional, na qual a vontade – e só nela – se pode encontrar o bem supremo o incondicionado. Por conseguinte, nada senão a representação da lei em si mesma, que em verdade só no ser racional se realiza, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode constituir o bom excelente a que chamamos moral, o qual se encontra já presente na própria pessoa que age segundo esta lei, mas se não deve esperar somente do efeito da ação.

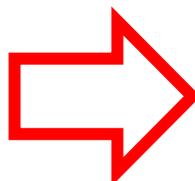
Mas que lei pode ser então essa, cuja, representação, mesmo sem tomar em consideração o efeito que dela se espera, tem de determinar a vontade para que esta se possa chamar boa absolutamente e sem restrição? Uma vez que despojei a vontade de todos os estímulos que lhe poderiam advir da obediência a qualquer lei, nada mais resta do que a conformidade a uma lei universal das ações em geral que possa servir de um único princípio à vontade, isto é: devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne numa lei universal.”

Immanuel Kant (1785). *Fundamentação da metafísica dos costumes.*, Lisboa, Ed. 70, 1986, pp. 30-33 (adaptado).

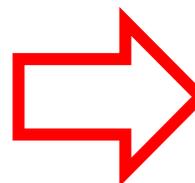
Objetivo Específico: Clarificar de que modo responde Kant ao problema da fundamentação da moral. Esclarecer a vontade boa.



4.1. Identifique qual a posição de Kant relativamente ao modo como se determina o valor moral de uma ação.



4.2. Explícite porque é que esta posição ética de Kant se pode classificar como deontológica.



4.3. Explicar em que consiste, segundo Kant, a vontade boa.

Bom trabalho 😊

A professora estagiária, Vanessa Silva



CORREÇÃO



Filosofia | 10.º Ano - Turma C | Ano Letivo 2016/2017

DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES

2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da ação moral

Ficha de Exercícios N.º 9



Exercício 1 – Assinalar

Assinale as ações feitas por dever e conforme o dever:

1. Estar calado na aula porque a professora assim o exige. **CD**
2. Respeitar os nossos semelhantes porque eles devem ser respeitados. **PD**
3. Ajudar os que são nossos amigos. **CD**
4. Respeitar os semelhantes para viver em paz. **CD**
5. Ajudar o próximo porque devemos ajudá-lo. **PD**
6. Estar calado na aula porque é assim que se deve estar. **PD**
7. Obedecer aos pais para que não ponham entraves à viagem de fim de curso. **CD**
8. Chegar a horas à aula porque é o dever de todos os alunos. **PD**
9. Ser solidário para conseguir a admiração dos outros. **CD**
10. Ser leal aos colegas porque a lealdade é uma virtude. **PD**

Exercício 3 – Compreensão e análise

Dois comerciantes, *A* e *B*, estão desejosos de ganhar dinheiro. O comerciante *A* tem a loja numa aldeia onde tudo se sabe. Daí que ter fama de ser honesto seja importante para o negócio, pelo que decide cobrar o mesmo preço a todos os clientes. O outro comerciante, o *B*, tem a loja no aeroporto, onde os clientes gastam apressadamente as últimas moedas. Assim sempre, que pode, engana-os nos preços.

Exercício 2 – Identificar e indicar

Das seguintes afirmações, indique as que estão de acordo com a vida e o pensamento de Kant:

1. Recusou as éticas anteriores porque eram heterónomas, materiais e derivavam da experiência.
2. Considera que agir por dever conforme ao dever são atos morais.
3. Defende uma ética autónoma.
4. Tem uma conceção dualista do homem.
5. O homem age moralmente quando satisfaz necessidades de natureza biológica.
6. Os nossos deveres provêm da nossa vontade racional.
7. O objeto da ética é a felicidade.
8. Considera que há situações em que os fins justificam os meios.
9. O homem age moralmente quando cumpre um dever pelo puro respeito ao dever.
10. Na prática do dever não interessam os conteúdos nem os fins a atingir.
11. A ética de Kant é uma ética material.
12. Foi o primeiro a propor uma ética deontológica.

Objetivo Específico: Perceber porque é que a ética kantiana é uma ética deontológica.

3.1. Que juízo moral faria Kant sobre o comportamento destes comerciantes? Nenhum deles pratica ações morais, pois estas são exclusivamente as que se praticam por dever. O comerciante *A*, ao não explorar os seus clientes para manter a fama de honesto e obter vantagens no seu negócio, pratica uma ação conforme ao dever, pois, o valor da sua ação reside no fim a atingir. O comerciante *B*, ao explorar os clientes, pratica uma ação contra o dever.

Exercício 4 – Leitura e análise de texto

“Uma ação praticada por dever tem o seu valor moral, não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina; não depende portanto da realidade do objeto da ação, mas somente do princípio do querer segundo o qual a ação, abstraindo de todos os objetos da faculdade de desejar, for praticada. Em que reside pois este valor, se ele não se encontra na vontade considerada em relação com o efeito esperado dessas ações? Não pode residir em mais parte alguma senão no princípio da vontade, abstraindo dos fins que possam ser realizados por uma tal ação.

O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera. Pois todos estes efeitos (a amenidade da nossa situação, e mesmo o fomento da felicidade alheia) podiam também ser alcançados por outras causas e não se precisava portanto para tal a vontade de um ser racional, na qual a vontade – e só nela – se pode encontrar o bem supremo o incondicionado. Por conseguinte, nada senão a representação da lei em si mesma, que em verdade só no ser racional se realiza, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode constituir o bom excelente a que chamamos moral, o qual se encontra já presente na própria pessoa que age segundo esta lei, mas se não deve esperar somente do efeito da ação.

Mas que lei pode ser então essa, cuja, representação, mesmo sem tomar em consideração o efeito que dela se espera, tem de determinar a vontade para que esta se possa chamar boa absolutamente e sem restrição? Uma vez que despojei a vontade de todos os estímulos que lhe poderiam advir da obediência a qualquer lei, nada mais resta do que a conformidade a uma lei universal das ações em geral que possa servir de um único princípio à vontade, isto é: devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne numa lei universal.”

Immanuel Kant (1785). *Fundamentação da metafísica dos costumes.*, Lisboa, Ed. 70, 1986, pp. 30-33 (adaptado).

Objetivo Específico: Clarificar de que modo responde Kant ao problema da fundamentação da moral. Esclarecer a vontade boa.

4.1. Identifique qual a posição de Kant relativamente ao modo como se determina o valor moral de uma ação.

Para Kant cabe ao agente determinar a moralidade da sua ação, o que implica submeter racionalmente a sua vontade ao dever moral.

4.2. Explícite porque é que esta posição ética de Kant se pode classificar como deontológica.

A ética kantiana é uma ética deontológica, na medida em que o agente se deve submeter ao dever moral, a um princípio absoluto que surge como uma obrigação, independentemente das consequências da ação ou das inclinações naturais do agente.

4.3. Explique em que consiste, segundo Kant, a vontade boa.

A vontade boa é aquela que age exclusivamente por dever, por respeito à lei moral, independentemente das consequências que advenham da ação ou das inclinações que podem levar à ação.

Bom trabalho 😊

A professora estagiária, Vanessa Silva

Ferramenta 1

Descrição da ferramenta 1:

A ferramenta didática número 1, como podemos ver, está dividida em quatro momentos. O primeiro momento consiste em, de forma conjunta o grupo-turma e o professor, assinalar as ações feitas por dever e conforme o dever. As ações propostas são do conhecimento geral e por isso levam à discussão e à justificação das mesmas. O segundo momento é um exercício de identificação, onde os alunos devem aplicar os seus conhecimentos relativos à vida e ao pensamento de *Kant*. É importante que no final da aula através da ficha de trabalho, os alunos já tenham bem presente o pensamento do filósofo abordado. Segue-se assim o terceiro momento onde é importante que os alunos percebam que a teoria de *Immanuel Kant* pode ser apreciada ainda nos dias de hoje, daí é apresentado um exemplo do quotidiano a partir do qual os discentes devem pôr-se na posição do filósofo e decidir qual dos comportamentos se assemelha mais ao pensamento de *Kant*. No último momento, mas não menos importante, faz-se uma leitura e análise de texto. Para estudar o texto em conjunto com os alunos, devo fazê-lo como um todo, até adquirir com os discentes uma visão global, para que possamos dominar e entender a mensagem que o autor pretende relatar no texto que escreveu. O texto da ficha apresentada requer uma reflexão pelos discentes e, portanto, a leitura do mesmo exige um método de abordagem. Enquanto professora estagiária devo compreender, analisar, interpretar e, para isso, tenho que criar condições, através de questões colocadas, capazes de permitir a compreensão, a análise, a síntese e a interpretação de seu conteúdo, para que os alunos consigam analisar – decompor um texto completo em partes, sintetizar – reconstituir o texto dividido pela análise e interpretar – tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas no texto, isto é, dialogar com o filósofo.

A exposição com questionamento e diálogo com os alunos foi a metodologia que predominou ao longo desta aula, apelando-se, deste modo, à participação voluntária e solicitada, bem como ao empenho dos alunos sobre os conteúdos a lecionar, de forma a reter a sua atenção e interesse para uma melhor compreensão do que se está a retratar. Houve, assim, um constante diálogo aproveitando-se também a

experiência dos discentes, através da sua participação, para a plena lecionação dos conteúdos.

No geral caracterizo esta ferramenta didática útil e com resultados positivos, pois através desta consegui captar a atenção e o interesse dos discentes na medida em que todos participaram e procuravam criar a sua própria posição, completando-a com os conceitos dados na aula. Deste modo a ferramenta utilizada, além de cumprir os objetivos visados²⁸, sendo uma ficha de trabalho, contribuiu também para que os alunos num outro lugar fora da sala de aula pudessem voltar a ter contacto com os conteúdos abordados na aula.

²⁸ A planificação desta aula encontra-se no Anexo VI do presente Relatório.

**Ferramenta Didática de
Conceptualização e Problematização
nº2: *John Stuart Mill***

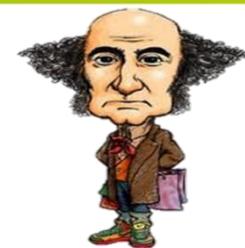


Filosofia | 10.º Ano - Turma C | Ano Letivo 2016/2017

DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES

2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da ação moral

Ficha de Exercícios N.º 10



Exercício 1 – Leitura e análise de texto

«Os que se aproximam de uma ideia mais justa do carácter desinteressado (do utilitarismo) censuram o seu ideal por ser demasiado elevado para a humanidade. É exigir de mais, consideram eles, querer que as pessoas estejam determinadas a agir sempre com o desejo de promover os interesses da sociedade. Mas este acaba por ser o seu erro de compreensão sobre o verdadeiro significado de um princípio que nos permite reconhecê-los, mas nenhum sistema de ética proclama que o único motivo de todos os nossos atos seja o sentimento do dever: pelo contrário, os nossos atos, na proporção de noventa sobre cem, são determinados por outros motivos, e não é por isso que deixam de ser atos morais, conquanto a regra não os condene.

Ao falarem unicamente das ações que têm por motivo o cumprimento do dever e são realizadas por obediência direta a um princípio, revelam desconhecer o utilitarismo todos os que supõem que, em conformidade com esta doutrina, as pessoas deveriam fixar a sua mente numa ideia tão geral como a do género humano ou da sociedade, no sentido mais lato da palavra. Pois, a grande maioria das ações são realizadas, não a pensar no benefício do mundo, mas no benefício de indivíduos concretos. Ser virtuoso, para a doutrina utilitarista, é promover a felicidade do maior número, mas as oportunidades de o conseguir em larga escala, isto é, de ser um benfeitor público, são deveras excepcionais. Ora, é unicamente nestas ocasiões que se revela a utilidade pública, já que, nas outras situações, é o interesse ou a felicidade privada que devem ser o alvo das atenções. Só os homens, cujos atos exercem uma influência clara sobre toda a sociedade, têm de se preocupar habitualmente com um objeto tão amplo.»

John Stuart Mill (1861). *Utilitarismo*. Trad. de Luís Lourenço. Lisboa: Lisboa Editora, 2005, pp. 91-92 (adaptado).

1.1. Identifique qual é, segundo Mill, uma das objeções que é dirigida ao utilitarismo.

1.2. Apresente os argumentos com que Mill rebate essa objeção.

Objetivo Específico: Identificar a objeção ao utilitarismo.



CORREÇÃO



AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS DE
ARGANIL



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

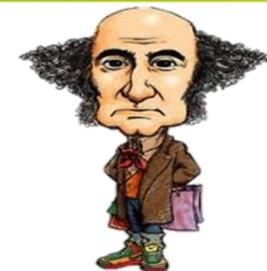
E.S. Arganil • Apartado 8 • 3304 -953 Arganil • Tel 235200180 • Fax 235200186 • e-mail: escola.s.arganil@iol.pt • NIF 600084469 • Código 161238

Filosofia | 10.º Ano - Turma C | Ano Letivo 2016/2017

DIMENSÕES DA AÇÃO HUMANA E DOS VALORES

2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da ação moral

Ficha de Exercícios N.º 10



Exercício 1 – Leitura e análise de texto

«Os que se aproximam de uma ideia mais justa do carácter desinteressado (do utilitarismo) censuram o seu ideal por ser demasiado elevado para a humanidade. É exigir de mais, consideram eles, querer que as pessoas estejam determinadas a agir sempre com o desejo de promover os interesses da sociedade. Mas este acaba por ser o seu erro de compreensão sobre o verdadeiro significado de um princípio que nos permite reconhecê-los, mas nenhum sistema de ética proclama que o único motivo de todos os nossos atos seja o sentimento do dever: pelo contrário, os nossos atos, na proporção de noventa sobre cem, são determinados por outros motivos, e não é por isso que deixam de ser atos morais, conquanto a regra não os condene.

Ao falarem unicamente das ações que têm por motivo o cumprimento do dever e são realizadas por obediência direta a um princípio, revelam desconhecer o utilitarismo todos os que supõem que, em conformidade com esta doutrina, as pessoas deveriam fixar a sua mente numa ideia tão geral como a do género humano ou da sociedade, no sentido mais lato da palavra. Pois, a grande maioria das ações são realizadas, não a pensar no benefício do mundo, mas no benefício de indivíduos concretos. Ser virtuoso, para a doutrina utilitarista, é promover a felicidade do maior número, mas as oportunidades de o conseguir em larga escala, isto é, de ser um benfeitor público, são deveras excecionais. Ora, é unicamente nestas ocasiões que se revela a utilidade pública, já que, nas outras situações, é o interesse ou a felicidade privada que devem ser o alvo das atenções. Só os homens, cujos atos exercem uma influência clara sobre toda a sociedade, têm de se preocupar habitualmente com um objeto tão amplo.»

John Stuart Mill (1861). *Utilitarismo*. Trad. de Luís Lourenço. Lisboa: Lisboa Editora, 2005, pp.91-92 (adaptado).

1.2. Identifique qual é, segundo Mill, uma das objeções que é dirigida ao utilitarismo.

O ideal de moralidade do utilitarismo é demasiado exigente ao considerar que a ação deve ter sempre em conta os interesses da sociedade.

1.2. Apresente os argumentos com que Mill rebate essa objeção.

Os que apresentam esta objeção partem de uma interpretação errada do papel do princípio moral: o facto de a regra nos dizer como agir para que um ato seja moralmente bom não significa que o único motivo da ação seja a submissão ao princípio moral; pelo contrário, uma boa parte das nossas ações é impulsionada por outros motivos.

Ser moralmente bom, do ponto de vista utilitarista, não implica ter em conta a sociedade em geral: apenas alguns têm a possibilidade de realizar o bem em larga escala (bem público); a maioria dos indivíduos nas suas ações, apenas precisa de ter em consideração indivíduos concretos.

Objetivo Específico: Identificar a objeção ao utilitarismo.



«Nenhum humano inteligente consentiria em ser convertido em imbecil, nenhum homem culto, em ignorante, nenhum homem de coração e consciência, em egoísta e vil, ainda que soubessem que o imbecil, o ignorante ou o egoísta estão mais satisfeitos com os seus lotes respetivos de prazer.»

John Stuart Mill (1861) *Utilitarismo*. Trad. de Luís Lourenço. Lisboa: Lisboa Editora, 2005, p.76.

2.2. Enuncie os princípios nos quais assenta o utilitarismo de Mill.

Princípio da utilidade ou da maior felicidade que afirma que as ações são boas ou más na medida em que tendem a aumentar a felicidade ou a produzir o contrário da felicidade; o princípio da imparcialidade segundo o qual a felicidade geral, e não a individual, é o fim último de todos os agentes morais.

2.1. Caracterize a ética de Mill.

A ética de Mill é utilitarista (afere o grau de moralidade de uma ação pela utilidade, o interesse que essa ação produz, medida pelo seu contributo para o maior aumento global da felicidade), consequencialista (o valor moral de uma ação não resulta de uma obediência cega a um princípio moral absoluto a priori, mas das consequências produzidas pela ação) e hedonista (a felicidade que deve decorrer da ação moralmente boa é avaliada com o aumento do prazer ou a diminuição da dor). Assenta ainda na convicção de que a submissão a princípios morais universais depende de uma educação moral que leve o agente a considerar os interesses dos demais tão relevantes como os seus.

2.3. Enuncie a objeção estudada ao princípio hedonista da ética de Mill e de que forma o autor procura refutá-la.

Crítica segundo a qual a redução da felicidade ao prazer reduzira o homem à sua animalidade. Mill responde que o homem é capaz de dois tipos de prazeres, sendo que, depois de experimentar os dois, escolherá os superiores, pois estes são mais valiosos, mesmo que isso signifique não conseguir satisfazer plenamente, em quantidade, os dois tipos de prazeres.

2.4. Justifique se concorda com a posição de Mill, no excerto acima apresentado.

Mill defende que qualquer homem que já tenha experimentado os prazeres superiores, e tendo a possibilidade de comparar os prazeres do espírito com os do corpo, se recusaria a agir apenas com base nos prazeres do corpo, mesmo que fossem em maior quantidade.

Os alunos devem apresentar uma posição contra ou a favor da tese de Mill, justificando-a.

Bom trabalho 😊

A professora estagiária, Vanessa Silva

Ferramenta 2

Descrição da ferramenta 2:

Na segunda ferramenta utilizada notamos uma extrema diferença de exercícios em comparação com a ferramenta 1. Por me ter apercebido que a maioria dos meus alunos se identificavam mais com a teoria de *J. S. Mill* decidi fazer uma ficha de trabalho em que continha apenas dois exercícios, mas exercícios estes que fossem mais de problematização e discussão para obter respostas mais completas. Vimos que esta ficha de trabalho está dividida em duas partes. A primeira parte consiste na leitura e análise de texto, onde os discentes começam por definir qual a objeção apresentada à teoria de *Mill* e na segunda questão os alunos têm que encontrar os argumentos que este filósofo apresenta para defender a sua posição. Este exercício é importante para que os alunos se imaginem a concordar e, também, a discordar das ideias expostas. Nesta leitura e análise de texto procurei, depois da desconstrução linguística, passar à desconstrução semântica, ou seja, em termos de conteúdo do texto analisado. Na segunda parte da ferramenta de conceptualização e problematização, procurei fazer questões onde os alunos caracterizassem a ética utilitarista, utilizando os conceitos abordados ao longo da aula. Neste exercício, fiz com que fossem os alunos a formularem respostas partindo das ideias deles, aplicando os seus conhecimentos e confrontando-os com o resto da turma. Na minha opinião foi uma estratégia bem conseguida porque permitiu avaliar o conhecimento individual de cada aluno, e ainda manter a atenção e interesse de todos pela matéria.

Sendo esta aula muito caracterizada por exemplos do quotidiano todos os alunos conseguiram perceber bem a teoria e começando voluntariamente a confrontá-la com a matéria da aula anterior, a teoria ética de *Kant*.

Este recurso também foi bem-sucedido na medida em que o meu objetivo era que os alunos percebessem que o utilitarismo se diferencia da ética deontológica (a ética deontológica visa responder ao problema gerado por estas abordagens: se a ação se justifica pelas consequências (felicidade, utilidade, prazer, etc.), então nenhuma ação se impõe por si mesma incondicionalmente, isto é, independentemente do que dela se possa seguir), sem que eu, enquanto professora estagiária, o mencionasse. Através

desta ferramenta consegui cumprir o meu objetivo pretendido da aula, a caracterização da ética utilitarista. A ferramenta a que recorri permitiu ainda fazer com que os alunos percebessem a diferença entre a ética utilitarista e a ética deontológica. Tal como aconteceu com a ferramenta anterior, também esta ficou na posse dos discentes permitindo assim que estes pudessem voltar a rever a matéria sempre que tivessem dúvidas ou até mesmo para fazer uma revisão para a ficha de avaliação. Saliento também que a ferramenta em questão cumpriu todos os objetivos previstos para a lecionação da aula²⁹.

²⁹ A planificação desta aula encontra-se no Anexo VII do presente Relatório.

**Ferramenta Didática de
Conceptualização e Problematização
nº3: Debate sobre as Teorias Éticas de
*I. Kant e J. S. Mill***

Texto

“(Um homem) vê-se levado pela necessidade de pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá devolvê-lo, mas percebe melhor ainda que ninguém lho emprestará se não se comprometer firmemente a saldar a dívida ao fim de um determinado período. Sente-se tentado a fazer essa promessa; mas tem também consciência bastante para perguntar a si próprio: «Não será proibido, não será contrário ao dever sair de apuros por este meio?». Suponhamos que, apesar de tudo, ele opte por esta via; a máxima da sua ação teria significado: «Quando creio estar com dificuldades de dinheiro peço-o emprestado e prometo devolvê-lo, embora saiba que nunca o farei». Ora é muito possível que este princípio do amor a si próprio, ou da utilidade pessoal, se concilie com tudo aquilo que venha a ser o meu bem-estar futuro; mas de momento a questão está em saber se é um princípio justo. Converto pois a exigência do amor a si mesmo numa lei universal, e ponho-me a questão seguinte: «Que sucederia se a minha máxima se tornasse uma lei universal?» Rapidamente constato que ela não poderia nunca ter valor de lei universal da natureza e permanecer em concordância consigo mesma, mas pelo contrário deveria necessariamente contradizer-se. Pois admitir como uma lei universal que qualquer pessoa que pense estar em dificuldades possa prometer seja lá o que lhe ocorra, com a firme intenção de não cumprir essa promessa, seria de facto tornar impossível o prometer, qualquer que fosse a finalidade que nos propuséssemos, visto que ninguém acreditaria no prometido, e que toda a gente riria de tais demonstrações como se de vãos enganos se tratasse.”

Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Lisboa Editora



Immanuel Kant

Filósofo alemão. Nasceu a 1724 e viveu em Königsberg, onde foi professor durante a quase totalidade da sua vida. Era considerado bom professor e as suas aulas eram entremeadas de humor. Em 1770 foi nomeado professor das cadeiras de Lógica e Metafísica, altura a partir da qual começou a desenvolver a sua filosofia, que teve uma influência decisiva no pensamento ocidental. Faleceu no ano de 1804.

Com base no texto, e naquilo que aprendeu até agora, considere com toda a turma os seguintes pontos:

- a. O valor moral das nossas ações depende de quê?
- b. Qual é o princípio da moralidade e como se formula?
- c. Como devo agir?
- d. Há deveres morais absolutos? Porquê?
- e. Qual deve ser a finalidade última das ações?
- f. Distinções feitas.

Bom trabalho 😊

Texto



“As questões acerca dos fins podem ainda ser formuladas assim: Quais são as coisas desejáveis? A doutrina utilitarista sustenta que a felicidade não só é um bem desejável como é o único que é desejável como fim, sendo todos os demais desejados apenas como meios para atingir esses fins. Que deveremos, pois, exigir dessa doutrina e a que requisitos precisa ela de corresponder, para justificar o assentimento de que reclama?

Tudo o que podemos acrescentar para provar que um objeto é visível é que, de facto, o vemos. A única prova de que um som é audível é que, de facto, o ouvimos; e passa-se o mesmo com as outras fontes da nossa experiência. Do mesmo modo, julgo eu, a única prova que podemos garantir que estabelece que uma coisa é desejável é que, de facto, a desejamos. Se o fim que a doutrina utilitarista admite por conta própria não fosse, na teoria e na prática, reconhecido como um fim, não poderia convencer quem quer que fosse que o é realmente. Porque é a felicidade geral desejável? Não se pode fornecer outra razão a não ser esta: que cada pessoa deseja a sua própria felicidade, na justa medida em que acredita poder atingi-la. A felicidade de cada um é um bem para essa pessoa e a felicidade geral é, portanto, um bem para todas as pessoas. É desta maneira que a felicidade faz valer o seu direito a ser considerada com um dos fins da conduta e, portanto, como um dos critérios da moralidade.”

John Stuart Mill (1861). *Utilitarismo*. Trad. De Luís Lourenço. Lisboa Editora.



John Stuart Mill

Filósofo inglês. A sua obra inclui uma teoria ética, teorias económicas e teorias políticas. A marca fundamental do seu pensamento, o utilitarismo, teve uma grande influência no pensamento contemporâneo. Mill foi também um grande defensor dos direitos das mulheres.

Com base no texto, e naquilo que aprendeu até agora, considere com toda a turma os seguintes pontos:

- a. O valor moral das nossas ações depende de quê?
- b. Qual é o princípio da moralidade e como se formula?
- c. Como devo agir?
- d. Há deveres morais absolutos? Porquê?
- e. Qual deve ser a finalidade última das ações?
- f. Distinções feitas.

Bom trabalho 😊

A professora estagiária, Vanessa Silva

Ferramenta 3

Descrição da ferramenta 3:

A terceira ferramenta escolhida por mim para proposta no presente Relatório foi o debate que organizei com a turma. Não existe uma correção deste documento, pois apenas orientei o início da discussão através das questões na ficha acima apresentada. Não poderia fazer uma correção específica porque à medida que o debate foi surgindo eu tinha como objetivo interromper caso estivesse algum conceito mal, pretendi que o raciocínio partisse na íntegra da parte dos discentes. Porquê um debate? Porque além de ter uma turma de estágio bastante propícia a este tipo de trabalho, também considero o debate uma das ferramentas didáticas essenciais na Filosofia. O debate é uma situação tipicamente argumentativa em que alguém defende uma causa ou expõe as suas razões a favor duma tese sobre questões ou situações que envolvam um confronto de ideias.

Na aula em que fiz o debate dividi a turma em duas partes, em que uma ficava com o texto de *Kant* e a outra parte ficava com o texto de *Mill*. No início da aula cada parte tinha o seu texto, mas no final da aula facultei os dois textos para ambas as partes para que todos os discentes pudessem ter acesso aos dois textos abordados durante a aula. Comecei por explicar que o debate deveria ter três momentos: discussão da tese; confronto de argumentos e aprovações de posições devidamente justificadas. Promovi também regras de respeito e de comportamento, tais como saber ouvir e estar aberto aos argumentos dos outros; apresentar argumentos precisos e claros; justificar as posições com argumentos válidos, pois devido a uma atividade tão ativa é preciso dirigir corretamente o grupo-turma sem perder o fio condutor. No final do debate retirei uma conclusão com todos os alunos, ou seja, as duas teorias podem ser aceites na medida em que têm argumentos válidos e que devemos sempre respeitar a outra parte que não concordamos.

Não foi o único debate que organizei durante a Prática Pedagógica Supervisionada, mas penso que foi o que alcançou melhores resultados, por ser uma discussão entre duas partes com teorias completamente diferentes captou o interesse dos discentes fazendo com que todos participassem de maneira bastante positiva e

conseguissem perceber perfeitamente o pensamento de ambos os filósofos. Foi uma estratégia com bastante sucesso e superou todas as expectativas, cumprindo também todos os objetivos conjeturados para a lecionação da aula em questão³⁰.

³⁰ A planificação desta aula encontra-se no Anexo VIII do presente Relatório.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim do percurso de estágio, encerramos este Relatório, resultado de uma refletida e sustentada reflexão. Com ele podemos ver os objetivos delineados e também o esforço e dedicação perante os conteúdos lecionados e as ideias criativas de estratégias postas em prática durante o Período de Prática Pedagógica Supervisionada.

De maneira a complementar um ensino motivando e captando a atenção dos discentes não só pelos conteúdos abordados, mas também pelo gosto pela disciplina de Filosofia, pôde-se demonstrar que os textos filosóficos, os vídeos, as fichas de trabalho, o mini clube de leitura, a página do *facebook* e os debates podem ser excelentes recursos e ferramentas, sobretudo no que diz respeito à problematização e conceptualização, despertando assim o interesse e a participação ativa de todos os alunos e alunas pela disciplina, que ganham confiança e tomam autonomamente iniciativa, refletindo e apresentando as suas posições de forma argumentada trazendo os seus raciocínios para exemplos e situações do quotidiano. Deste modo, apesar de algumas dificuldades, já superadas, consegue-se perceber que o trabalho desenvolvido ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada foi decisivo para a escolha do tema deste Relatório, uma vez que se notou em contexto real o sucesso da adaptação dos conteúdos nas ferramentas didáticas utilizadas com os alunos, através não só da participação dos alunos nas aulas como também na participação e interesse pela disciplina fora do contexto da sala de aula.

O estágio foi, sem dúvida, uma experiência extremamente enriquecedora podendo ter tido um contato direto não só com uma turma, mas também um contato real com o ensino em Portugal, tomando assim consciência dos desafios, adversidades e limitações que os docentes enfrentam.

Concluindo e acreditando ter cumprido os objetivos previstos com êxito, termino este Relatório com o pensamento que ensinar a aprender e aprender a ensinar é fundamental na vida de todos os seres humanos enquanto discentes, visto que proporciona a prática de análise, reflexão e crítica em benefício do encontro do

conhecimento do mundo e do homem. Por isso é que ser professor de Filosofia, para mim, não é uma mera profissão, é uma missão.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria M. B. (coord.), *Programa de Filosofia: 10º e 11º anos dos Cursos Científico – Humanísticos, Cursos Tecnológicos e Cursos Artísticos Especializados*, Lisboa: Ministério da Educação, homologação a 01/10/2004, 10º ano e a 24/08/2005, 11º ano.

ARISTÓTELES, *Metafísica I*.

BERNARDO, Isabel, VALE, Catarina, *Reflexões*, Lisboa: Asa, 2013.

CHANGEUX, Jean-Pierre, *Uma Mesma Ética para Todos?*, Lisboa: Instituto Piaget e Epistemologia e Sociedade, 1997.

Diário da República n.º 237, Série I, Lisboa: Ministério da Educação, 1986.

Diário da República n.º 38, Série I, Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

FRANKLIN, Agostinho, *Estudar Filosofia*, Porto: Porto Editora, 2005.

HEIDEGGER, Martin, *Qué significa pensar?*, trad. por: Raúl Gabás. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: Editora Vozes, 2012.

KANT, Immanuel, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785.

KANT, Immanuel, *Réflexions sur l'éducation*, Paris: VRIN J., 2003.

LOURENÇO, J. Vieira, *Ferramentas do aprendiz de filósofo*, Porto: Porto Editora, 2005.

MILL, John Stuart, *Utilitarismo*, trad. por: Luís Lourenço. Lisboa: Lisboa Editora, 2005.

MORIYÓN, Félix García, *Aprender a pensar*, Madrid: Ediciones de la Torre, 1990.

NAGEL, Thomas, *Que quer tudo isto dizer? Uma iniciação à Filosofia*, trad. por Teresa Marques, Lisboa: Gradiva, 2002.

SAVATER, Fernando, *Ética para um jovem*, trad. por: Miguel Serras Pereira, Lisboa: D. Quixote – Leya, 2016.

SINGER, Peter, *Ética Prática*, trad. por: Álvaro Augusto Fernandes, Lisboa: Gradiva, 2002.

SÓLE, Joan, *A revolução copernicana na filosofia*, trad. por: Filipa Velosa, Lisboa: Atlântico Press, 2015.

VICENTE, Joaquim Neves, *Didática da Filosofia*, Coimbra, 2005.

ANEXOS



PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO

A. SEMINÁRIOS PEDAGÓGICOS E SESSÕES DE FORMAÇÃO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARGANIL

Plano Anual de Trabalho do Núcleo de Estágio de Filosofia

Estagiária: Vanessa Flávia Monteiro da Silva

Ano Letivo 2016/2017

Os Seminários Pedagógicos terão de ser assistidos, num mínimo de 75%, contudo os estagiários manifestaram o desejo de frequentar a sua totalidade. Estes Seminários serão lecionados às segundas-feiras das 10:00 às 13:00 horas. Estes Seminários servirão para orientar a elaboração e/ou debate de planificações – de longo, médio e curto prazos –, de recursos didáticos e de instrumentos de avaliação no âmbito do núcleo de estágio.

Para além destes seminários, existirão sessões de formação individuais ou em grupo, a pedido dos estagiários, para esclarecimento de dúvidas, discussão e análise dos diversos materiais produzidos.

De carácter obrigatório serão todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas e de avaliação formativa e sumativa.

B. ASSISTÊNCIA E OBSERVAÇÃO DE AULAS

1. Regime de Distribuição de Turmas

❖ Estagiária 1 – Ana Sofia Costa – 10.º B

- ❖ Estagiário 2 – Pedro Casaleiro – 11.º A
- ❖ Estagiária 3 – Vanessa Silva – 10.º C

2. Regime de distribuição da prática pedagógica supervisionada

- ❖ Estagiária 1 – Ana Sofia Costa – 10.º B

12 aulas:

- 1.º período:** 20 de outubro e 10 de novembro (2 aulas de 90 min);
- 2.º período:** 26 de janeiro; 2, 9 e 23 de fevereiro, 2, 9, 16 e 23 de março (8 aulas de 90 min);
- 3.º período:** 27 de abril e 18 de maio (2 aulas de 90 min).

- ❖ Estagiário 2 – Pedro Casaleiro – 11.º A

12 aulas:

- 1.º período:** 4, 11 e 25 de novembro (4 aulas de 90 min);
- 2.º período:** 20 e 27 de janeiro, 3 e 10 de fevereiro, e 3 de março (5 aulas de 90 min);
- 3.º período:** 28 de abril, 5 e 19 de maio (3 aulas de 90 min).

- ❖ Estagiária 3 – Vanessa Silva – 10.º C

12 aulas:

- 1.º período:** 21 de outubro e 11, 18 e 25 de novembro (4 aulas de 90 min);
- 2.º período:** 27 de janeiro, 3, 17 e 24 de fevereiro, 3 e 17 de março (6 aulas de 90 min);
- 3.º período:** 28 de abril e 5 de maio (2 aulas de 90 min).

3. Unidades/Subunidades em que as estagiárias realizarão a Prática Pedagógica Supervisionada	
Conteúdos	N.º de aulas³¹
I - Módulo inicial – INICIAÇÃO À ACTIVIDADE FILOSÓFICA	1

³¹ As aulas correspondem a tempos letivos de 90 minutos.

<p>1. Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar. 1.5. Quais foram os primeiros filósofos? 1.5.1. O nascimento da filosofia. 1.5.2. Contributos dos primeiros filósofos para uma atitude e questionamento filosóficos.</p>	
<p>II - A ACCÇÃO HUMANA E OS VALORES 1. A Ação Humana - Análise e compreensão do agir. 1.2. Determinismo e liberdade na ação humana.</p>	3
<p>2. Os valores - Análise e compreensão da experiência valorativa. 2.1. Valores, cultura e diversidade cultural. 2.2. Padrões de cultura e identidade cultural. 2.3. Globalização e diferentes situações face à diversidade cultural.</p>	2
<p>3. Dimensões da ação humana e dos valores. 3.1. A experiência convivencial. 3.1.1. Porque são necessárias normas morais? A necessidade convivencial e a necessidade da norma moral. 3.1.2. Porque razões devemos agir moralmente – A intenção ética. 3.1.3. A necessidade de fundamentação da moral – análise de duas perspetivas filosóficas (Kant e Mill). 3.1.4. Ética, direito e política – liberdade e justiça social; igualdade e diferenças; justiça e equidade. 3.1.5. Qual a razão para nos submetermos à autoridade do Estado? A conceção moderna de Estado em John Locke.</p>	6

- ❖ Todas as aulas lecionadas pela estagiária serão objeto de observação avaliativa e assistidas pelos outros estagiários.

4. Regime observação às aulas da orientadora

- ❖ Os estagiários pretendem observar entre 50% a 100% das aulas lecionadas pela Orientadora nas turmas a que estão afetos e onde realizam a sua Prática Pedagógica Supervisionada.

5. Regime observações de aulas dos estagiários por parte dos Orientadores da FLUC

- ❖ No mínimo duas aulas, uma no 1.º semestre e outra no 2.º semestre, de acordo com a seguinte proposta de calendarização:

- Estagiária 1 – Ana Sofia Costa – 10.º B
2 aulas:
1.º semestre: 2 de fevereiro (11:05 - 12:35 horas)
2.º semestre: 28 de abril e 18 de maio (11:05 – 12:35 horas)

- Estagiário 2 – Pedro Casaleiro – 11.º A
2 aulas:
1.º semestre: 3 de fevereiro (10:20 - 11:50 horas)
2.º semestre: 28 de abril (10:20 – 11:50 horas)

- Estagiária 3 – Vanessa Silva – 10.º C
2 aulas:
1.º semestre: 3 de fevereiro (12:05-13:30 horas)
2.º semestre: 28 de abril (12:05 – 13:30 horas)

C. INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

1. Participação, com estatuto de observador em reuniões e atividades de gestão escolar:

- ❖ Reuniões de Trabalho Colaborativo (Orientadora de escola com a outra professora de Filosofia da escola), onde se definem e discutem os testes, matrizes e lecionação da matéria da disciplina de Filosofia, assim como as atividades extracurriculares que possam envolver a disciplina e as turmas.
- ❖ Reuniões do Departamento Curricular de Ciências Sociais e Humanas e do Grupo Disciplinar de Filosofia;
- ❖ Reuniões Gerais de Professores;
- ❖ Reuniões de Conselhos de Turma;
- ❖ Atividades extracurriculares das turmas da Orientadora, a realizar de acordo com o Plano Anual de Atividades da Escola e respetivas metas, participadas,

promovidas ou dinamizadas pelo Departamento/Grupo Disciplinar a que pertencem: visitas de estudo, palestras, etc.

2. Realização/dinamização de atividades no âmbito da área disciplinar de Filosofia

❖ Dia Internacional da Filosofia.

D. DOSSIÊ DA ESTAGIÁRIA

- a) Legislação e outros textos fundamentais;
- b) Documentação relativa às aulas asseguradas (planificações de longo, médio e curto prazos; recursos didáticos e instrumentos de avaliação);
- c) Comentários escritos sobre as aulas que lecionou;
- d) Documentação relativa a outras atividades em que participou;
- e) Registos escritos sobre as atividades em que participou e que observou;
- f) Documento de auto e heteroavaliação do desempenho no estágio pedagógico, a entregar aos orientadores;
- g) Outra documentação pertinente.

Coimbra, 18 de março de 2017.

A Orientadora da Escola:

O Orientador da FLUC:

Estagiária 1:

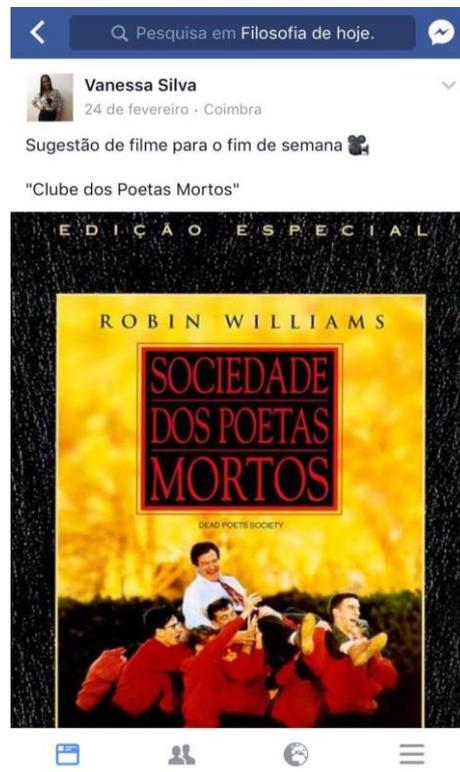
Estagiário 2:

Estagiária 3:

Nota: O Plano poderá ainda estar sujeito a modificações, consoante a calendarização, ainda não completa, das atividades supracitadas.

Anexo II

Registo fotográfico da página de facebook “Filosofia de hoje.”³²



³² Link da página do facebook: <https://www.facebook.com/search/top?q=filosofia%20de%20hoje>. Neste anexo podemos ver as pistas que deixava aos alunos sobre a matéria a ser abordada nas aulas e também algumas das sugestões de enriquecimento, como livros e filmes.

Anexo II

Registo fotográfico da página de facebook "Filosofia de hoje."³³

Mafalda Teixeira partilhou uma ligação. 1 de março

Boa tarde, pessoal :)
Venho aqui deixar uma lista de filmes que a professora **Vanessa Silva** me pediu para partilhar com vocês também.
Se quiserem terminar as férias de carnaval com uma sessão de cinema, aqui têm:

10 filmes sobre a História da Filosofia
De Confúcio a Hannah Arendt, passando por Sócrates, ...
filosofandoporaiblog.wordpress.com

Adoro Comentar Partilhar

Tu, Gonçalo Lourenço e 5 outras pessoas

Comentário... Publicar

Vanessa Silva 25 de abril

Boa tarde filósofos 🐱
Em primeiro lugar quero desejar um ótimo feriado a todos.
Queria saber se posso contar com um ou dois voluntários para a aula de sexta.
E relembrar a **Mafalda** do excerto :)
"Onde não há lei, não há liberdade."
John Locke

Vanessa Silva partilhou uma ligação. 23 de março

Olá 10.C 🐱
Deixo aqui um vídeo em inglês sobre Kant e Mill.
É uma espécie de batalha.
Espero que gostem e que estudem, pois o teste de filosofia está a aproximar-se!
Bom resto de semana!
Beijinhos a todos ❤️

Are Your Actions GOOD? (Kant vs. Mill) - 8-Bit Philosophy
Both Kant and Mill would agree that...
youtube.com

Gosto Comentar Partilhar

Lara Pereira e 11 outras pessoas

Vista por 22 pessoas

Gonçalo Lourenço

Boa tarde,
É a professora a dar aula amanhã?

Comentário... Publicar

Vanessa Silva 16 de março

Olá 10.C 😊
Amanhã contamos com a participação especial da Cátia e da **Mafalda** na apresentação do filósofo Mill.
A Cátia no final da aula fará ainda uma leitura do excerto que escolheu do livro "O mundo de Sofia".
Espero contar com a participação de todos vocês 😊
Até amanhã 😊

"Pessoas felizes são aquelas cujas mentes estão fixadas em algum outro objeto que não seja a própria felicidade; na felicidade dos outros, no aperfeiçoamento da humanidade, até mesmo em alguma arte ou busca empreendida não como meio, mas como fim ideal. Ao visar assim o outro elas encontram a felicidade casualmente."
John Stuart Mill

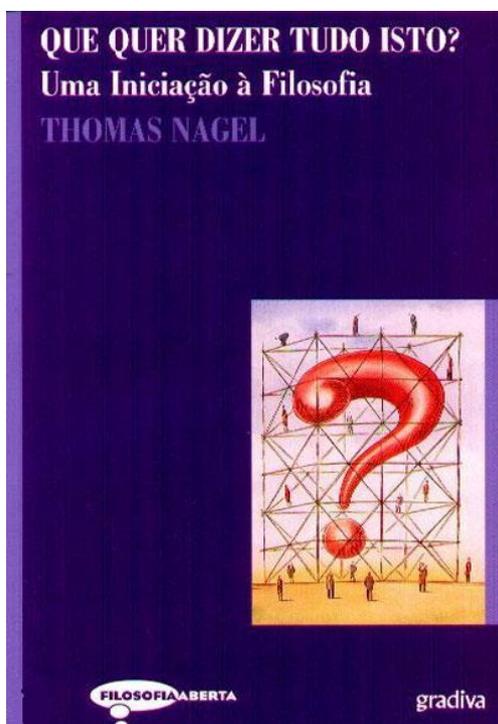
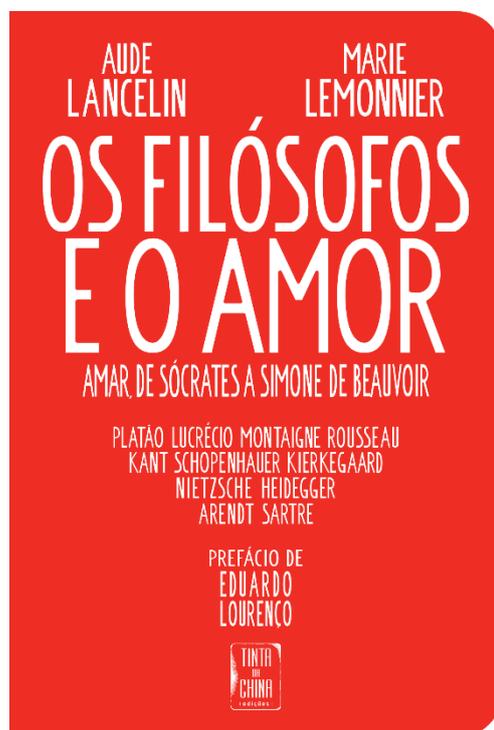
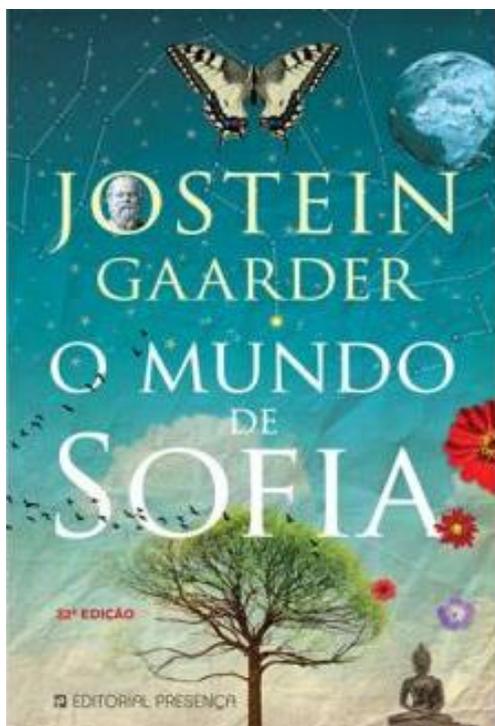
PENSADOR

Lara Pereira e 7 outras pessoas Vista por 22

³³ Neste anexo tomamos conhecimento da participação dos alunos na página do facebook.

Anexo II

Registo da atividade “Mini Clube de Leituras”.³⁴



³⁴ Estes foram alguns dos livros escolhidos pelos alunos para lerem no final da aula no “Mini Clube de Leituras”.

Anexo III

Registo fotográfico da atividade realizada por duas alunas voluntárias para a apresentação do filósofo *John Stuart Mill*.



STUART MILL



Cátia Costa - nº 9
Mafalda Teixeira - nº 20
10º C

Biografia

Filho do economista e filósofo escocês James Mill, John Stuart Mill nasceu a 20 de Maio de 1806, em Londres, e faleceu com 66 anos, em Avignon, no dia 8 de Maio de 1873.

Recebeu uma educação rigorosa do seu pai e trabalhou, durante 38 anos, na East India Company. No entanto, apesar da sua dedicação aos estudos de carácter económico, Mill, destacou-se pelas suas posições a favor da liberdade de expressão e pensamento dos indivíduos, por ele consideradas fundamentais para o bem-estar das sociedades, bem como da igualdade entre homens e mulheres. Sendo, por isto, considerado um defensor do liberalismo.

Casou-se em 1850 com Harriet Taylor, a mulher por quem se tinha apaixonado cerca de 20 anos antes e que foi o amor da sua vida. Visto que esta morreu lamentavelmente 7 anos após a sua união, nunca tiveram filhos.



Webgrafia

- Foto 1: <http://blogs.usyd.edu.au/theoryandpractice/John-Stua>
- Foto 2: <http://lh6.ggpht.com/-ND6KtlxRnPE/Uyn89SnTTAI/AAAAAAAAAMgM/1GYekz1873%25252C%252520%252520e%252520a%252520sua%imgmax=800>
- [https://www.infopedia.pt/\\$john-stuart-mill](https://www.infopedia.pt/$john-stuart-mill)
- https://www.ebiografia.com/john_stuart_mill/

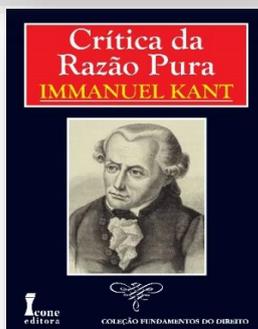
Anexo IV

Caderno de Filosofia. ³⁵

Objetivos Específicos

Aula de 3 de março de 2017

- φ Confrontar posições filosóficas distintas sobre a fundamentação da ação moral.
- φ Clarificar de que modo responde Kant ao problema da fundamentação da moral.
- φ Explicar porque é que a ética kantiana é uma ética deontológica.
- φ Clarificar o papel da razão na ética kantiana.
- φ Explicitar em que consiste, segundo Kant, uma vontade boa.



³⁵ O registo desta atividade em anexo conta só com as páginas referentes ao tema do Relatório de Estágio, pois o Caderno de Filosofia teve 51 páginas no total.

Texto

“(Um homem) vê-se levado pela necessidade de pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá devolvê-lo, mas percebe melhor ainda que ninguém lho emprestará se não se comprometer firmemente a saldar a dívida ao fim de um determinado período. Sente-se tentado a fazer essa promessa; mas tem também consciência bastante para perguntar a si próprio: «Não será proibido, não será contrário ao dever sair de apuros por este meio?». Suponhamos que, apesar de tudo, ele opte por esta via; a máxima da sua ação teria significado: «Quando creio estar com dificuldades de dinheiro peço-o emprestado e prometo devolvê-lo, embora saiba que nunca o farei». Ora é muito possível que este princípio do amor a si próprio, ou da utilidade pessoal, se concilie com tudo aquilo que venha a ser o meu bem-estar futuro; mas de momento a questão está em saber se é um princípio justo. Converto pois a exigência do amor a si mesmo numa lei universal, e ponho-me a questão seguinte: «Que sucederia se a minha máxima se tornasse uma lei universal?» Rapidamente constato que ela não poderia nunca ter valor de lei universal da natureza e permanecer em concordância consigo mesma, mas pelo contrário deveria necessariamente contradizer-se. Pois admitir como uma lei universal que qualquer pessoa que pense estar em dificuldades possa prometer seja lá o que lhe ocorra, com a firme intenção de não cumprir essa promessa, seria de facto tornar impossível o prometer, qualquer que fosse a finalidade que nos propuséssemos, visto que ninguém acreditaria no prometido, e que toda a gente riria de tais demonstrações como se de vãos enganos se tratasse.”

Kant, Fundamentação da Metafísica dos Costumes, Lisboa Editora.

Immanuel Kant



Filósofo alemão. Nasceu a 1724 e viveu em Königsberg, onde foi professor durante a quase totalidade da sua vida. Era considerado bom professor e as suas aulas eram entremeadas de humor. Em 1770 foi nomeado professor das cadeiras de Lógica e Metafísica, altura a partir da qual começou a desenvolver a sua filosofia, que teve uma influência decisiva no pensamento ocidental. Faleceu no ano de 1804.

Conceitos Principais

Aula de 3 de março de 2017



Ação – Tipo particular de acontecimento. Ato de um agente, consciente e dotado de vontade, o qual, impulsionado por um motivo, causa intencionalmente um acontecimento, um ato visível no mundo, do qual pode resultar uma alteração significativa no curso dos acontecimentos.

Deontologia – Etimologicamente o conceito tem origem na palavra grega *deontos* (que significa o “que é preciso” e *logia* (“estudo”). Atualmente, o conceito remete para um conjunto de deveres que se impõem à ação e usa-se frequentemente para designar os deveres profissionais de um determinado tipo (deontologia médica, jornalística).

Ética deontológica – Ética que prescreve um conjunto de obrigações morais, de deveres que se impõem independentemente das consequências da ação e dos interesses particulares dos agentes. Estes deveres não indicam ao agente como agir em circunstâncias concretas, mas orientam-no quanto ao modo como deve guiar a ação de acordo com certos limites. A ética kantiana é uma ética deontológica.

Vontade boa – Em Kant, expressão máxima da moralidade. Caracterizada pela submissão racional do agente ao imperativo categórico. A vontade boa é aquela que age exclusivamente por dever, por respeito à lei moral, independentemente das consequências que advenham da ação ou das inclinações que podem levar à ação.



Anexo IV

Caderno de Filosofia.³⁶

Objetivos Específicos

Aula de 17 de março de 2017

- φ Explicitar os princípios morais da ética utilitarista.
- φ Avaliar criticamente a posição de John Stuart Mill.
- φ Identificar as principais objeções que são dirigidas a Mill.
- φ Aprender de que forma o utilitarismo procurou superar algumas críticas formuladas.



³⁶ O registo desta atividade em anexo conta só com as páginas referentes ao tema do Relatório de Estágio, pois o Caderno de Filosofia teve 51 páginas no total.

Texto

“As questões acerca dos fins podem ainda ser formuladas assim: Quais são as coisas desejáveis? A doutrina utilitarista sustenta que a felicidade não só é um bem desejável como é o único que é desejável como fim, sendo todos os demais desejados apenas como meios para atingir esses fins. Que deveremos, pois, exigir dessa doutrina e a que requisitos precisa ela de corresponder, para justificar o assentimento de que reclama?”

Tudo o que podemos acrescentar para provar que um objeto é visível é que, de facto, o vemos. A única prova de que um som é audível é que, de facto, o ouvimos; e passa-se o mesmo com as outras fontes da nossa experiência. Do mesmo modo, julgo eu, a única prova que podemos garantir que estabelece que uma coisa é desejável é que, de facto, a desejamos. Se o fim que a doutrina utilitarista admite por conta própria não fosse, na teoria e na prática, reconhecido como um fim, não poderia convencer quem quer que fosse que o é realmente. Porque é a felicidade geral desejável? Não se pode fornecer outra razão a não ser esta: que cada pessoa deseja a sua própria felicidade, na justa medida em que acredita poder atingi-la. A felicidade de cada um é um bem para essa pessoa e a felicidade geral é, portanto, um bem para todas as pessoas. É desta maneira que a felicidade faz valer o seu direito a ser considerada com um dos fins da conduta e, portanto, como um dos critérios da moralidade.”

John Stuart Mill (1861). *Utilitarismo*. Trad. De Luís Lourenço. Lisboa Editora.

John Stuart Mill



1806-1873

Filósofo inglês. A sua obra inclui uma teoria ética, teorias económicas e teorias políticas. A marca fundamental do seu pensamento, o utilitarismo, teve uma grande influência no pensamento contemporâneo. Mill foi também um grande defensor dos direitos das mulheres.

Conceitos Principais

Aula de 17 de março de 2017

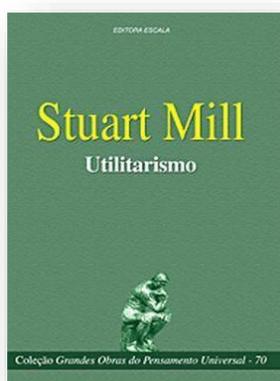


Ética consequencialista – Ética segundo a qual o valor moral de uma ação resulta das consequências produzidas pela ação. A ética defendida por J. S. Mill é uma ética consequencialista.

Ética utilitarista – Ética assente na concepção de que uma ação, para ser considerada moralmente correta, deve ter uma utilidade para alguém. Essa utilidade é medida nas consequências que decorrem da ação. Assim, uma ação não é moralmente boa ou má em si, ou porque obedeça a um imperativo moral a priori, mas é-o de acordo com os seus efeitos.

Princípio da imparcialidade – Na ética de Mill, este princípio consiste em considerar que a felicidade geral, e não a felicidade individual, é o fim último da ação de todos os agentes morais.

Princípio da felicidade – Na ética de J. S. Mill, este princípio, também chamado princípio da utilidade, consiste em considerar que as ações são boas ou más na medida em que tendem a aumentar a felicidade ou a produzir o contrário da felicidade.



Anexo V

Guião do vídeo da aula de *Immanuel Kant*.



AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS DE
ARGANIL

E.S. Arganil • Apartado 8 • 3304 -953 Arganil • Tel 235200180 • Fax 235200186 • e-mail: escola.s.arganil@iol.pt • NIF 600084469 • Código 161238

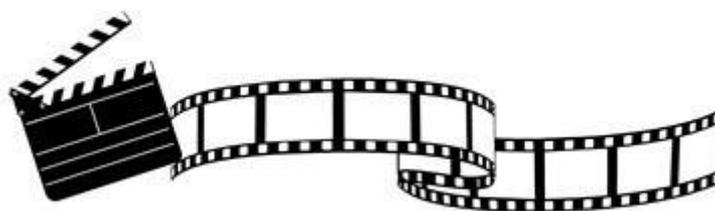


GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Guião de Análise de Estratégias

Guião de Análise de Vídeo



URL do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Gk4eT8cpEwU>

O vídeo em questão tem como título “*Ética Kantiana*” e é de Bruno Laia.

Bruno Laia, autor do vídeo, faz-nos uma breve explicação do que é a ética kantiana. A ética deontológica de Kant é considerada uma ética do dever.

O vídeo presente serve para apresentar a ética kantiana. Esta é uma **ética deontológica**, na medida em que o **agente** se deve submeter ao **dever moral**, a um princípio absoluto que surge como uma **obrigação**, independentemente das consequências da ação ou das inclinações naturais do agente. A ética kantiana também é uma **ética racionalista**, pois o fundamento da ação moral encontra-se na capacidade que só o homem possui, enquanto ser racional, de se impor uma **lei moral que tem origem na sua razão**. A expressão máxima da moralidade é a **vontade boa** que se caracteriza pela submissão racional do agente.

A professora estagiária,
Vanessa Silva
03/03/2017

Anexo VI

Planificação da aula de *Kant*.

PLANIFICAÇÃO DE AULAS

 <p>Escola Secundária de Arganil Ano letivo 2016/2017 Unidade II – Dimensões da ação humana e dos valores Turma: 10.º C Professora estagiária: Vanessa Silva</p>								
9.ª aula – 3 de março de 2017								
Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Conteúdos	Metodologias E Estratégias	Materiais	Avaliação	Tempo		
<p>Reconhecer a filosofia como espaço interdisciplinar.</p> <p>Desenvolver a competência de</p>	<p>Confrontar posições filosóficas distintas sobre a fundamentação da ação moral.</p> <p>Clarificar de que modo responde Kant ao problema da fundamentação da moral.</p>	<p>2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da moral</p> <p>2.1. Teorias éticas</p> <p>2.2. A ética deontológica de Kant – uma ética do dever</p> <p>2.2.1.A teoria ética</p>	<p>Análise e interpretação do dispositivo didático</p> <p>Questionamento oral aos alunos</p> <p>Visionamento de um vídeo</p>	<p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Dispositivos didáticos: PowerPoint e Vídeo</p>	<p>Controlo da aprendizagem pelo <i>feed-back</i> que os alunos vão dando ao longo da exposição</p> <p>Análise da participação</p>			

<p>leitura compreensiva de textos</p> <p>Desenvolver as competências de comunicação e argumentação.</p>	<p>Explicar porque é que a ética kantiana é uma ética deontológica.</p> <p>Clarificar o papel da razão na ética kantiana.</p> <p>Explicitar em que consiste, segundo Kant, uma vontade boa.</p>	<p>deontológica</p> <p>2.3. Características gerais da ética kantiana</p> <p>2.3.1. Ética deontológica – Dever</p> <p>2.3.2. Ética racionalista</p> <p>2.3.3. Fundamentação da moral</p> <p>2.4. A vontade boa</p>	<p>Análise e interpretação do dispositivo didático</p> <p>Análise e interpretação de excertos</p> <p>Análise e interpretação de um texto</p> <p>Situação no dispositivo didático</p>	<p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Manual adotado e PowerPoint</p> <p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Imagem Ficha de trabalho</p>	<p>oral</p> <p>Respeito e interesse pelos conteúdos</p> <p>Avaliação da argumentação</p> <p>Análise da participação oral e escrita</p>	<p>90 min.</p>
<p>Estratégias e atividades de compensação, consolidação, reorientação e enriquecimento:</p> <p>Leituras complementares (Bibliografia Recomendada): <i>“Fundamentação da metafísica dos costumes”</i> de Immanuel Kant; <i>“Elementos de Filosofia Moral”</i> de James Rachels.</p>						

Anexo VII

Planificação da aula de Stuart Mill.

PLANIFICAÇÃO DE AULAS

 <p>Escola Secundária de Arganil Ano letivo 2016/2017 Unidade II – Dimensões da ação humana e dos valores Turma: 10.º C Professora estagiária: Vanessa Silva</p>							 	
10.ª aula – 17 de março de 2017								
Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Conteúdos	Metodologias E Estratégias	Materiais	Avaliação	Tempo		
Reconhecer a filosofia como espaço interdisciplinar.	Explicitar os princípios morais da ética utilitarista.	2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da moral	Análise e interpretação do dispositivo didático	Dispositivo didático: PowerPoint	Controlo da aprendizagem pelo <i>feed-back</i> que os alunos vão dando ao longo da exposição			
	Avaliar criticamente a posição de John Stuart Mill.	2.2. A ética consequencialista de John Stuart Mill – uma ética da utilidade	Análise de um dispositivo apresentado por duas alunas	Dispositivos didáticos: PowerPoint				
Desenvolver a competência de	Identificar as principais objeções	2.2.1. Características gerais da ética de Mill	Questionamento oral aos alunos	Manual adotado	Análise da participação oral			

<p>leitura compreensiva de textos</p> <p>Desenvolver as competências de comunicação e argumentação.</p>	<p>que são dirigidas a Mill.</p> <p>Apreender de que forma o utilitarismo procurou superar algumas críticas formuladas.</p>	<p>2.2.2. Os princípios da ética utilitarista</p> <p>2.2.2.1. A felicidade para o maior número</p> <p>2.2.2.2. O princípio da imparcialidade</p> <p>2.2.3. A análise crítica da ética utilitarista</p>	<p>Análise e interpretação do dispositivo didático</p> <p>Análise e interpretação de um excerto</p> <p>Análise e interpretação do dispositivo didático</p> <p>Objções no dispositivo didático</p>	<p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Manual adotado e PowerPoint</p> <p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Dispositivo didático: PowerPoint</p> <p>Ficha de trabalho</p>	<p>Respeito e interesse pelos conteúdos</p> <p>Avaliação da argumentação</p> <p>Análise da participação oral e escrita</p>	<p>90 min.</p>
<p>Estratégias e atividades de compensação, consolidação, reorientação e enriquecimento:</p> <p>Leituras complementares (Bibliografia Recomendada): <i>“Utilitarismo”</i>, de J. S. Mill; <i>“A Liberdade – Utilitarismo”</i>, de J. S. Mill.</p>						

Anexo VIII

Planificação da aula de debate sobre a teoria ética de *I. Kant* e *J. S. Mill* ³⁷.

PLANIFICAÇÃO DE AULAS

 <p>Escola Secundária de Arganil Ano letivo 2016/2017 Unidade II – Dimensões da ação humana e dos valores Turma: 10.º C Professora estagiária: Vanessa Silva</p>								
11.ª aula – 20 de março de 2017								
Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Conteúdos	Metodologias E Estratégias	Materiais	Avaliação	Tempo		
Reconhecer a filosofia como espaço interdisciplinar.	Explicitar os princípios morais da ética deontológica e da ética utilitarista.	2. Como agir para agir moralmente? Teorias éticas da fundamentação da moral	Análise e interpretação do dispositivo didático	Dispositivo didático: <i>Prezi</i>	Análise da participação oral e escrita			
	Avaliar criticamente a posição de Immanuel Kant e de John Stuart Mill.	2.1. Teorias éticas 2.2. A ética deontológica	Questionamento oral aos alunos	Dispositivo didático: <i>Prezi</i>	Controlo da aprendizagem pelo “feed-back” que os alunos vão dando ao			

³⁷ Esta é a planificação de uma aula extra na medida em que eu queria fazer o confronto entre as duas teorias éticas.

<p>Desenvolver a competência de leitura compreensiva de textos</p> <p>Desenvolver as competências de comunicação e argumentação.</p>	<p>Identificar as principais objeções que são dirigidas a Kant e Mill.</p> <p>Confrontar as duas teorias éticas.</p>	<p>de Kant – uma ética do dever</p> <p>2.3. A teoria ética deontológica</p> <p>2.4. A ética consequencialista de Jonh Stuart Mill – uma ética da utilidade</p> <p>2.5. A ética deontológica versus a ética consequencialista</p>	<p>Análise e interpretação do dispositivo didático</p> <p>Visionamento e análise de um vídeo</p> <p>Discussão sobre o determinismo em oposição à liberdade – debate</p>	<p>Vídeo e guião</p> <p>Textos dados pela professora estagiária; guião</p>	<p>longo da exposição</p> <p>Análise da participação</p> <p>Avaliação das respostas dadas</p> <p>Avaliação da argumentação e do respeito entre o grupo</p>	<p>90 min.</p>
<p>Estratégias e atividades de compensação, consolidação, reorientação e enriquecimento:</p> <p>Vídeo complementar: “Are Your Actions GOOD”? (Kant vs. Mill) https://www.youtube.com/watch?v=Ngp1Qd8D2PQ</p>						